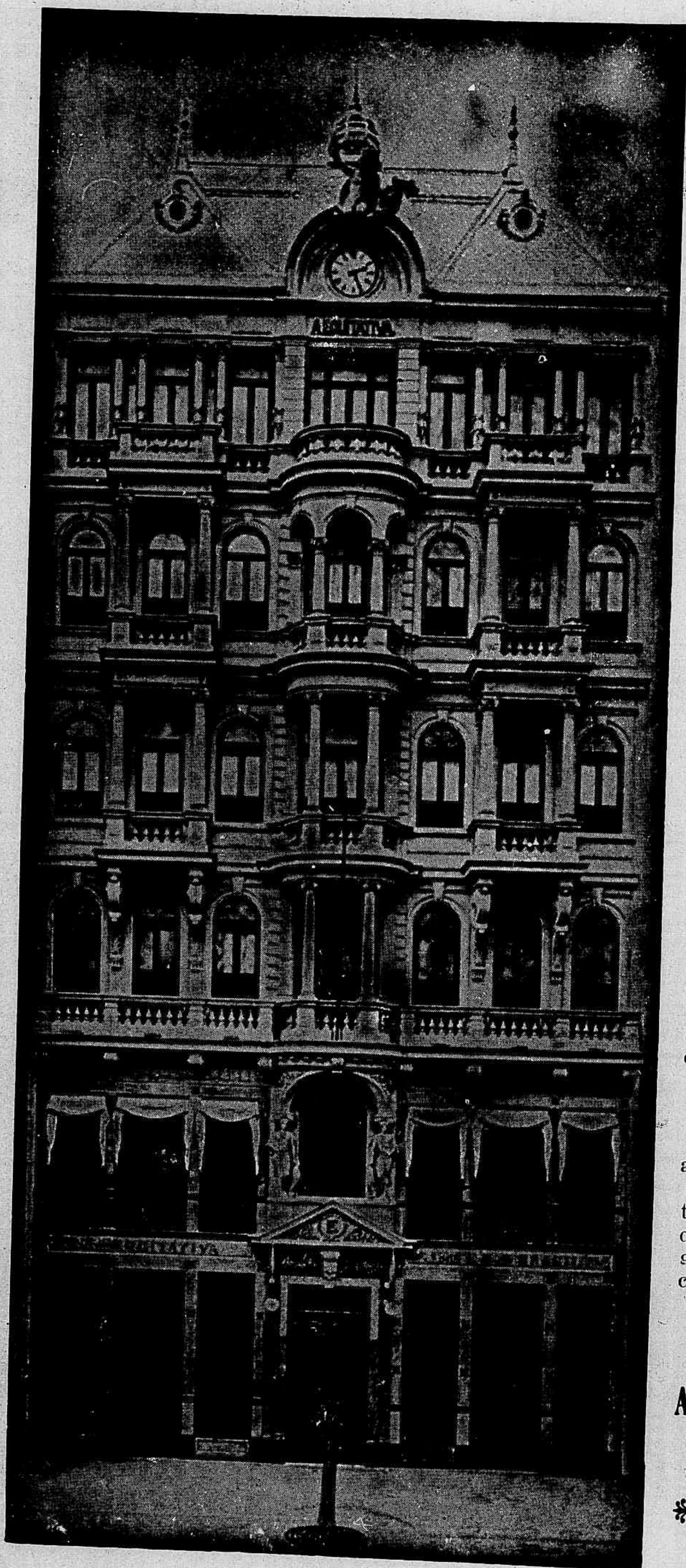




REVISTA DA SEMANA

Pipócãs! Defenderam o cofre por um lado, mas vão atacar por outro!



A EQUITATIVA

Rio, 29 de Novembro de 1912.

Exmos. Srs. Directores da Companhia de Seguros de Vida "A Equitativa" — Saudações. Na qualidade de procurador de D. Julia Alves Malheiros Relvas, inventariante do espólio de seu marido João da Silva Relvas, louvo e agradeço a boa vontade e presteza com que foi liquidado o seguro de vida feito pelo "de cujus" nesta Companhia.

De Vs. Exs., adm. obr. — Paulo Domingues Vianna, advogado.

Rio, 30 de Novembro de 1912.

Illmos. Srs. Directores da "A Equitativa" dos Estados Unidos do Brasil — Tendo recebido como procurador de minha irmã, D. Maria José Andrada de Lacerda Rodrigues, a quantia de dez contos de réis, paga pela "A Equitativa" e correspondente ao seguro feito pelo Dr. Amadeu de Lacerda Rodrigues, ha 14 mezes, venho agradecer a essa conceituada sociedade a promptidão com que attendeu, reveladora do zelo e probidade com que vae sendo dirigida.

Com attencioso apreço, atto. amigo. — José Bonifacio de Andrade e Silva.

NOTA — Os pagamentos de anolices sinistradas, resgatadas e sorteadas pela "Equitativa", montam a mais de 14.000:000\$, sendo que as sorteadas continua em vigor nos textos dos respectivos contratos.

Pegam prospectos.

SÉDE SOCIAL:

Avenida Rio Branco 125

(EDIFICIO DE SUA PROPRIEDADE)

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1913

Anno XIII—N. 661—Avulso 300 réis
— Avenida Rio Branco 110 e 112



UM TRISTE LEGADO

OS SUICÍDIOS



— De legados desta ordem... não venhas! Vão sahindo!



CHRONICA



No começo do Anno Novo,
Deste anno que se funda,
Cumprimentamos o povo,
Neste dia de SEGUNDA.

E hoje, dia seguinte,
Que justiça aqui se exerça:
Venha a nós, por conseguinte,
O que pudér dar a TERÇA!

E, já que ha muita ventura,
Já que a bolsa temos farta,
Metta-lhe a mão, mão segura,
Quem souber que hoje é QUAR-
[TA...

Na QUINTA... Estamos nas
[nossas!

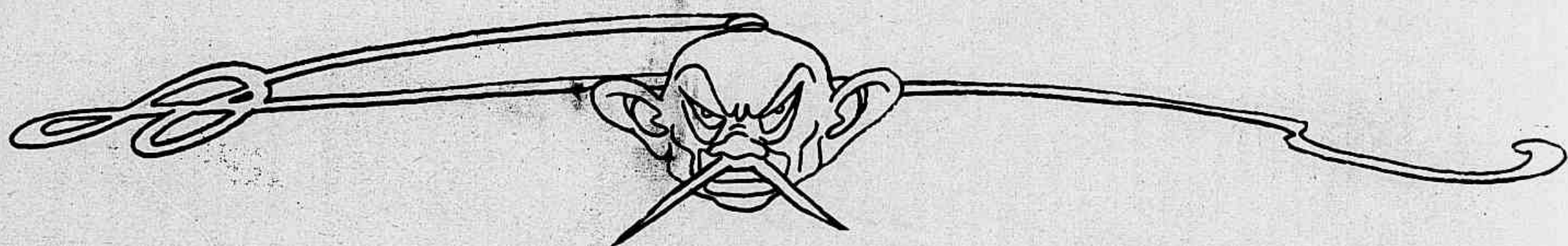
E que o leitor nos consinta:

Vossas loas, loas nossas,
Até mesmo nesta QUINTA.

A' SEXTA chegámos nós.
Mas, não é "sexta de cesta",
Que cheia de figo e noz,
Seria um prato na SEXTA...

O SABBADO deparamos,
Quasi ao fim da cavatina,
E rima não encontramos...
Vae a rima em... SABBATINA!

E como esteja exgotada
A semana, aqui vae p'ingo,
Dando a ultima pennada
Com esta rima em DOMINGO!



ANNO BOM

Semana de prophecias,
dias
de valentes "cavações"
em que até Mucio Teixeira
cheira
sangrentas revoluções!
Naufragios, mortes, desputas,
lutas,
suicidios, guerra civil,
incendios aterradores,
dores
ameaçam nosso Brasil!
O senhor Luiz de Bragança,
lança
o propheta ameaçador,
ha de ser para o futuro,
juro
o terceiro Imperador!
Zizina com suas cartas
fartas
de prognosticos brutaes,
segundo a mesma cabala,
fala
e não quer ficar atraz!

Madame Tyane confirma,
firma
as terriveis previsões;
vamos ter (não são intrigas)
brigas
e fataes devastações!

Vae ser um anno malquisto,
mixto
de pezar e de soffrer,
em que nossa pobre terra,
berra,
muita vida ha de perder!

Portanto, leitor amigo,
digo,
seja embora de "bom-tom",
é tolice e muito grossa,
troça,
desejar-te um anno bom!



Em uma aula de geographia:
Professor—Onde fica a Suissa?
Discipulo—Ao pé do bigode.

O VINHO MAIS VELHO QUE SE CONHECE

Na pharmacia de um hospital de Besençon (França) é precisamente conservado um vinho de "Ribeauvilliers", que data de 1672, e os habitantes daquela cidade dizem que é esse o vinho mais velho que se conhece.

Illude-se essa gente, pois affirma um negociante em Londres possuir um "Steinwein", (vinho Franconi), que foi engarrafado em 1540. Provém da adéga real da Baviera, que era rica entre as que mais o fossem. O Rei Luiz, visitando-a um dia, ordenou que dahi se retirassem todos os vinhos que a seu ver eram indignos da sua mesa; e foram, assim, ter á Inglaterra algumas garrafas de "Steinwein". Outro commerciante londrino affirma possuir um vinho ainda mais antigo, um "Jewish Passover", de 1340.

MORTE DE JULES MANCINE



Foi com grande consternação que se acolheu em toda Paris a morte de Jules Mancine, extinto ha dias, depois de curto periodo de molestia.

O finado era Secretario de Embaixada e chefe do gabinete de comunicação á imprensa, no Ministerio do Exterior, pertencendo á carreira diplomatica havia quinze annos. Em vida, occupou com brillantismo varias embaixadas, em Teheran, em Sofia, em Vienna, em Havana e tinha sido nomeado Cavalleiro da Legião de

Honra em 1911.

Jules Mancine tinha 37 annos de idade.

Como cavalleiro conseguiu por sua affabilidade attrahir todas as sympathias; intellectual, era um fino lettrado e um historiador erudito; ha poucos mezes publicou uma obra notavel sobre Bolivar e a emancipação das colonias hespanholas da America do Sul.

O brilhante diplomata era casado com a filha de Nazan-Agra, antigo Ministro da Persia em Paris, e deixa duas filhinhas.

ANDRE' SAVIGNON GANHA O PREMIO GONCOURT DE 5.000 FRANCOS

Todos os annos a Academia Goncourt estabelece um premio para o autor que mais se distinguir.

O anno passado foi por ella coroado Alphonse de Chateaubriant, escriptor de *O senhor de Lourdines*.

Ha dois annos o laureado foi Louis Pergaud com uma obra sobre animaes.

Os membros da Goncourt podiam esco'her entre: Julio Benda, que escreveu *A Ordenação*; Fernand Rivet, autor de *O Principe dos Ricos*; Nicolas Baudin; Charles Vidrac e Pierre Hamp.

André Savignon foi afinal quem obteve mais votos. Isto é, havia cinco a favor e cinco contra; mas como na Goncourt a voz de Léon Henrique vale por duas, o premio coube a Savignon.

E elle o merece, porque o seu livro *Filles de Pluie* é uma obra de realismo fino, comquanto não passe de uma collecção de novellas delicadas. Tambem não é moda hoje entre os autores escreverem-se obras de grande imaginação.

Está, pois, André Savignon consagrado como prosador de talento, pelo menos até que publique outro trabalho...

— E' inutil insistir, meu caro. A meu vêr o "velho" é incompativel com o "bom". Prova disso, é que levo aqui um vestido novo de cassa para substituir este, que é de seda, mas que já está poido.

A MORTE DO VERDADEIRO INVENTOR DO TELEPHONE — CHARLES BOURSEUL

Charles Bourseul, o verdadeiro inventor do telephone, o precursor de Graham Bell, acaba de fallecer numa pequena casa de Saint-Céré, onde residia desde 1908.

Contava oitenta e tres annos de idade e já em 1854, tendo então vinte e cinco, fizera o relato da sua descoberta, a que, naquella época, ninguem déra credito.

Como que envergonhado de não ser comprehendido, Charles Bourseul retrahiu-se e deixou que outros tivessem mais tarde a gloria de um invento... que era de'le.

No isolamento do seu gabinete, trabalhou até morrer. Talvez em breve espaço de tempo as obras que deixa escriptas e ineditas contribuam para novas descobertas.

Virão então os elogios os longos artigos, a consagração, enfim!

Mas tarde — porque esse esse homem esse genio, morreu quasi ignorado!

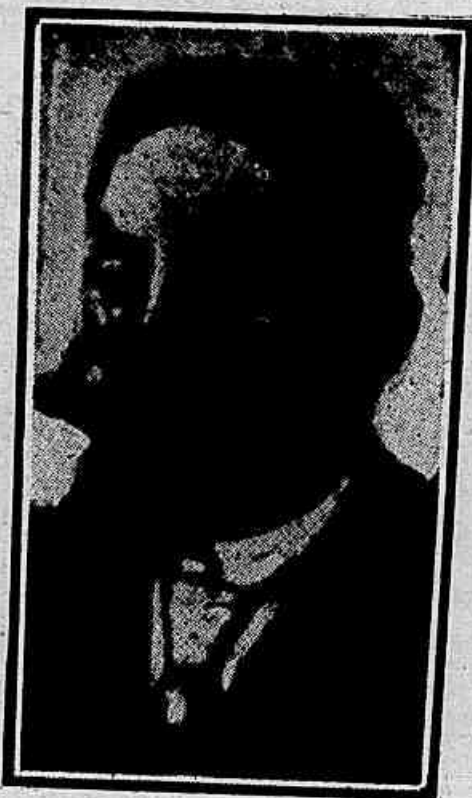
HELENA MIROPOLSKI



Esbelta e sorridente, Mlle. Miropolski evoca, ao espirito de quantos a vêem passar ao longo dos muros austeros do Palais de Justice, a musica de Offenbach ou o bello soneto de Ronsard sobre Helena. Um só de seus olhares vale, em verdade, quando ella advoga, o talento dos grandes mestres que compõem o Conseil de l'Ordre ou que illustram a profissão judiciaria. A' advocacia franceza dá Mlle. Miropolski a graça e o encanto que a carreira não tem. Por isso é ella chamada "Gazella do Palacio", mas uma gazella que se não deixa devorar por leões, porque tem talento e virtude.

A talentosa advogada já se tem exercido em outras scenas além das côrtes de assentados e correccional. Não se dedica só ao jurismo e é uma excellente conferencista. Grande successo obteve, ha dois annos, no theatro Mihel, a elegancia de suas *toilettes* e de sua dicção: possue ella perspicacia penetrante e judiciosa de vistas psicologicas e grande belleza na voz de soprano. Desvendou todos os segredos da alma feminina. Ha dias, ella fallou sobre *A vagabunda* em um estylo digno de Colette Willy... Não se lhe póde fazer melhor elogio.

O BOM JUIZ E O MÁO LADRÃO



O Sr. Magnaud, o "bom juiz" acaba de ser desagradavelmente surpreendido.

A *villa* que esse magistrado possui em Lavandou, foi assaltada por ladrão. Números eram os objectos que ornamentavam essa *villa*. Foram todos roubados.

O Sr. Magnaud preveniu a gendarmeria e a policia móvel.

Caso venham a prender o máo ladrão, o bom juiz o absolverá? De facto, por que não? Admittindo bem entendido que a duração da

prisão preventiva foi insufficiente.

A um deputado no Carnaval:

— Parece-lhe que com este nariz serei facilmente reconhecido?

— Oh! não!... O senhor não o foi na Camara o anno passado, sem nariz postigo; quanto mais com elle...



O LEILÃO DE UM CAPELLÃO MILITAR



Em Dezembro ultimo, durante tres dias um avaliador dispersou em Bordéos os manuscritos coloridos de Monsenhor Lanusse.

Basta o resumo de um dos folhetos desses manuscritos para dar uma idéa da bonança espiritual do homem encantador e de coração que foi o capellão Saint-Cyr:

"Sentir-me-ia bem embaraçado, se quizesse dizer por que motivo e com que fim reuni nestes cem volumes manuscritos tudo o que

nelles se poderia ler — supposto o caso de que se tivesse paciencia precisa. Ver-se-á aqui pelo menos a perseverança de um colleccionador. Colleccionei tanta coisa no decurso dos meus longos oitenta e sete annos!... Velhos moveis, velhos quadros, couchas, fosseis, armas, idolos, estofos, esmaltes, marfins, rendas, etc. Tudo isto faria talvez a pequena fortuna de um negociante de "velhos galões, velhas roupas". Eu ahi achei pelo menos a alegria de viver, sem um instante de ocio, a minha longa vida de octogenario que terá em breve terminado a ultima pagina destas *Memoranda*, tão inuteis para o leitor, tão bemfazejas para o escriba."

Tambem foram arrematadas as medalhas militares e condecorações de Monsenhor Lanusse.

A MAIOR DOR HUMANA

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravizaram!

As mãos que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus! A fé implora...
E o céo, que respondeu?... As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pae que em trévas vae sonhando
E apalpa a sombra delles, onde os viu
Nascer, florir, morrer!... Desastre infando!

Ao teu abysmo, pae não vão confortos:
E's coração que a dôr impederniu,
Sepulcro vivo de dois filhos mortos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas sob a fiscalização do Governo Federal,
às 2 1/2, e aos sabbados, às 3 horas, á rua Visconde de Itaborahy n. 45

Hoje 11

do corrente

40:0000\$

282 — 1.

Por 9,000

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa n. 41. Rua Primeiro de Março n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua do Ouvidor n. 94 nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

Um tio muito avarento, chegando á beira da sepultura de um sobrinho perdulario, exclamou:

— Foi uma grande desgraça ! Mas era inevitavel.

Nunca se poderia conseguir nada deste infeliz ! Vejam só: para suicidar-se comprou um revólver e no entanto morava na praia de Ipanema.

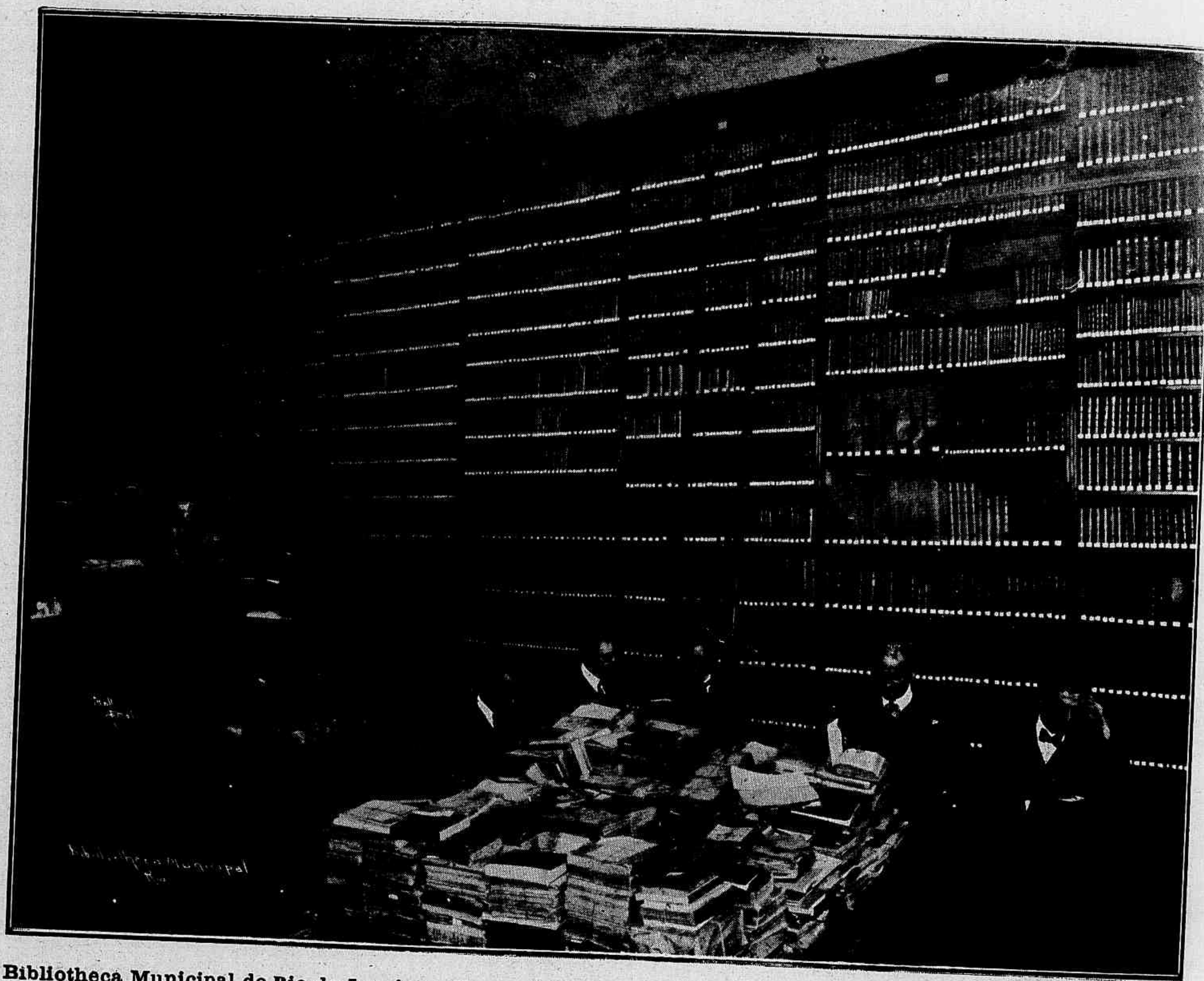
Venho pedir-te perdão,
Não posso lutar contigo,
Por meu maior inimigo
E' meu proprio coração.

BIBLIOTHECA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Aspectos tirados em 1912, durante a direcção do Sr. Agenor de Carvoliva, Bibliothecario substituto, que a reentregou, em 2 do mez corrente, ao titular effectivo do cargo, Sr. Deputado Raphael Pinheiro.

O Sr. Agenor de Carvoliva, cercado dos seus auxiliares. Ladeiam o Director os Srs. Chefe de Secção. Affonso Costa, e 1.º Official, João Marinonio Pereira Sampaio.





Bibliotheca Municipal do Rio de Janeiro — Um aspecto da livreria. Veem-se o Director, Sr. Agenor de Carvalho o 1.º Official; o 2.º Official, Sr. João Henrique Cesar; o Secretario do Director e o auxiliar extranumerario, Sr. Machado

Um simplorio tinha-se esquecido de satisfazer a um pedido que alguém lhe fizera por carta.

— Que hei de fazer agora ? perguntou a um amigo.

— Dize-lhe que não recebeste a carta.

— E' verdade, boa idéa.

Pouco depois, encontrando o amigo, que lhe fizera o pedido, e

antes que esse o censurasse, foi-lhe logo dizendo:

— Sabes ? Não fiz o que me pediste, porque não recebi a tua carta.

A moda

As nossas *toilettes* seriam incompletas se não fossem acompanhadas dessas lindas bagatellas que lhes dão a nota primorosa e tentadora : as gargantilhas em veludo liso e chamalotado, por vezes entremeiadas de pequenos enfeites de renda, substituindo a golla da blusa, a qual é sempre decotada muito em baixo ; as toucas para as saídas de baile ou de theatro, de mousseline de seda flocada e ornada de fitas ; as maravilhosas *écharpes* enfeitadas de bordados de perolas ou laminadas de ouro, que dão ao vestido mais simples uma graça imprevista.

Mas nesses quadros de claros e delicados *fanfreluches* são precisos

rostos jovens e bellos, uma cutis rosada e fresca, como sómente n'ella dá o *Crème et l'Eau Brise Exotique*, da *Parfumerie Exotique*, de Paris.

Esse creme é especial para branquear instantaneamente o rosto e o pescoço.

E' le dá á cutis um brilho e uma frescura incomparaveis, ao passo que a *Agua* faz desaparecer as rugas, as espinhas e as manchas da pelle e livra a epiderme de toda a secura.

Esse excellente producto pôde ser empregado misturado com a agua das abluições ou puro, depois de ter-se enxugado bem o rosto.

E' como se uma verdadeira brisa primaveril passasse sobre a nossa belleza e a puzesse em realce. Este magnifico preparado da *Parfume-*

rie Exotique encontra-se em todas as melhores perfumarias e grandes magazins das principaes cidades do Brasil. — L. de L.



A DISTINÇÃO de

uma senhora se reconhece não sómente pelo seu vestuario mas igualmente pelos seus perfumes. E' por isso que as bellas artistas não hesitam em empregar o **Crème**, o **Pó de Arroz** e o **Sabonete de Crème Simon**, de tão grande reputação universal. Exijam sempre o nome do inventor **J. Simon**.

A SEMANA MUSICAL PARISIENSE

Emmanuel Moor—André Gailhard—Gustave Charpentier



Vamos dar uma ligeira noticia de alguns successos musicaes. Começamos por Emmanuel Moor, que tem regido as orchestres na execução de suas proprias obras.

E' um musicista acabado e como tal goza de justa reputação no meio artistico parisiense.

Vem a seguir André Gailhard, cujo trabalho *Peças pittorescas romanas*, foi executado com bello successo no Concerts-Lamoureux.

Gailhard soffre a influencia da musica italiana como o proprio titulo mostra. De resto isto é muito commum e o joven au-

espessa, a *Segunda Symphonia* é agradável, sincera e ingenua, seja pela simplicidade, seja pelo tom agreste de seus themas.

Digno de admiração foi tambem o poema symphonico *Leonora*, de Henri Dupare. E' a segunda vez que lá se faz ouvir essa musica excelente.

Completava o programma o *Hymno Vedico*, de Ernest Chausson, para côros e orchestra.

Esta peça musical é uma pagina grandiosa escripta sobre versos magestosos de Laconte de Lisle; é uma prece funebre ao "Pastor do Mundo" para que elle separe um monte em dois.

O escopo tanto do poeta como do musico é realizar o sublime, essa tendencia exaggerada de esthetas não lhes deixa de dar um certo pesadume ás obras. Mas, mesmo assim, a sublimidade existe alli consorciada: poetica e musical.

Achando-se dois pianistas brigando e passan-



Estudantes brasileiros que a bordo do «Aragon» partiram para o Uruguay, afim de tomar parte no 3.º Acampamento Internacional Veranista dos Estudantes Universitarios, a effectuar-se em Pisiapolis, de 12 a 14 deste mez.

tor procura naturalmente evocar a obra de Gustave Charpentier *Impressões de Italia* que tantos triumphos alcançou.

A parte de resistencia no mesmo concerto foi a *Segunda Symphonia*, em ré maior, de Brahms. Este autor é conhecidamente em certas passagens prolixo e pesado. Mas tem a sua musica a vantagem de ser sempre musical. Comquanto pesada e

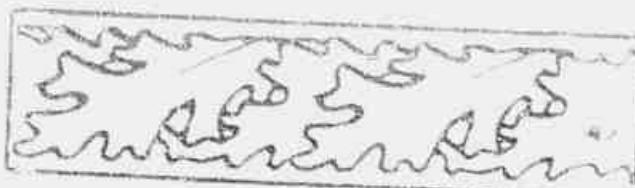
do, por acaso, um garoto, teve esta phrase de espirito:

— Então, estão tocando a quatro mãos ?

Perguntaram ao pae do Pedrinho:

— Seu filho gagueja muito ?

— Não, senhor; só quando falla,



CARTAS DE UM TABARÉO

Copo - Compadre

Rio de Janeiro, 10 de 1913.

Escrevo-te de São Leopoldo, da effluvia do suicídio que me dá espanto que mais principia, me indaga do possível curá-lo.

Por dá cá aquella pallua "suicídio".

Parece, meu querido, que a malicia encontra a máxima dos revelamentos por duas causas:

A primeira, piadas e a facilidade na aquisição dos venenos.

Se houver esse certo rigor com os suicidas; se os meios de suicídio estão certo que se numero dos que pretendiam cometer o crime da vida ficaria muito reduzido.

O suicídio, mesmo depois da morte, não é uma triana.

Estão na moda a cocaína, o lyso, a lã o uso da primeira dessas drogas constitui vida de muita gente, que a ella se entrega como outros se entregam ao café, à mescalina, etc.

No entanto, para se também que uma das principais causas da epidemia suicida é a malandragem, a vagalagem.

Pergunta, compadre, a qualquer dos teus camagadas que do sul a sul, não já se sabe de uma maneira se lhe sobra tempo para pensar no suicídio.

Vadiagem, luxo, jogo, bebidas, são os principais camalhos que levam o indivíduo a zarpas deste mundo antes da hora.

Nunca uma deliberação do Congresso levanta a columna igual á que fizeram com a lei desamortizadora.

E' que os interesses privados são em grande quantidade; os cabides de empregos constituem legião.

E o Sr. Presid. não votou a resolução. Não conheço as razões em que apóia S. Ex. esse procedimento, porque o periódico semanal, de cuidada factura, obriga a escrever e de para se apunhar logo.

Quaesquer, porém, que ellas sejam não me demoverão do propósito, meu querido, compadre, de achar boa a lei; o Sr. Presid. votando-a talvez quizesse que o assumpto fosse mais estudado pelo Congresso, ou talvez a lei não preenchesse bem os fins, não resolvesse a questão como convém.

Penso que o Congresso manterá o principio salutar e moralizador da desamortização, meu querido compadre.

O acabamento do dia Santo de Reis não o prejudicou absolutamente.

Muita gente queria a lã e as agulhões publicos houve que domo spota nos empregados.

Então tudo mesmo faltou quem

gritasse "suicídio" e a lã e as agulhões publicos houve que domo spota nos empregados.

Então tudo mesmo faltou quem gritasse "suicídio" e a lã e as agulhões publicos houve que domo spota nos empregados.

1. *Leveza*, periódico mensal de que se publica em Revista *Admiration*, publicação mensal do Maranhão. De Companhia Nacional.

A VAIACÃO



Garros conquistou novamente o "record" de altura, com seguindo a vertical de 5.807 metros

verão, mais papista que o Papa, era dias santos.

Sem mais, adeus.

Ton

Bermudes

RECEBEMOS:

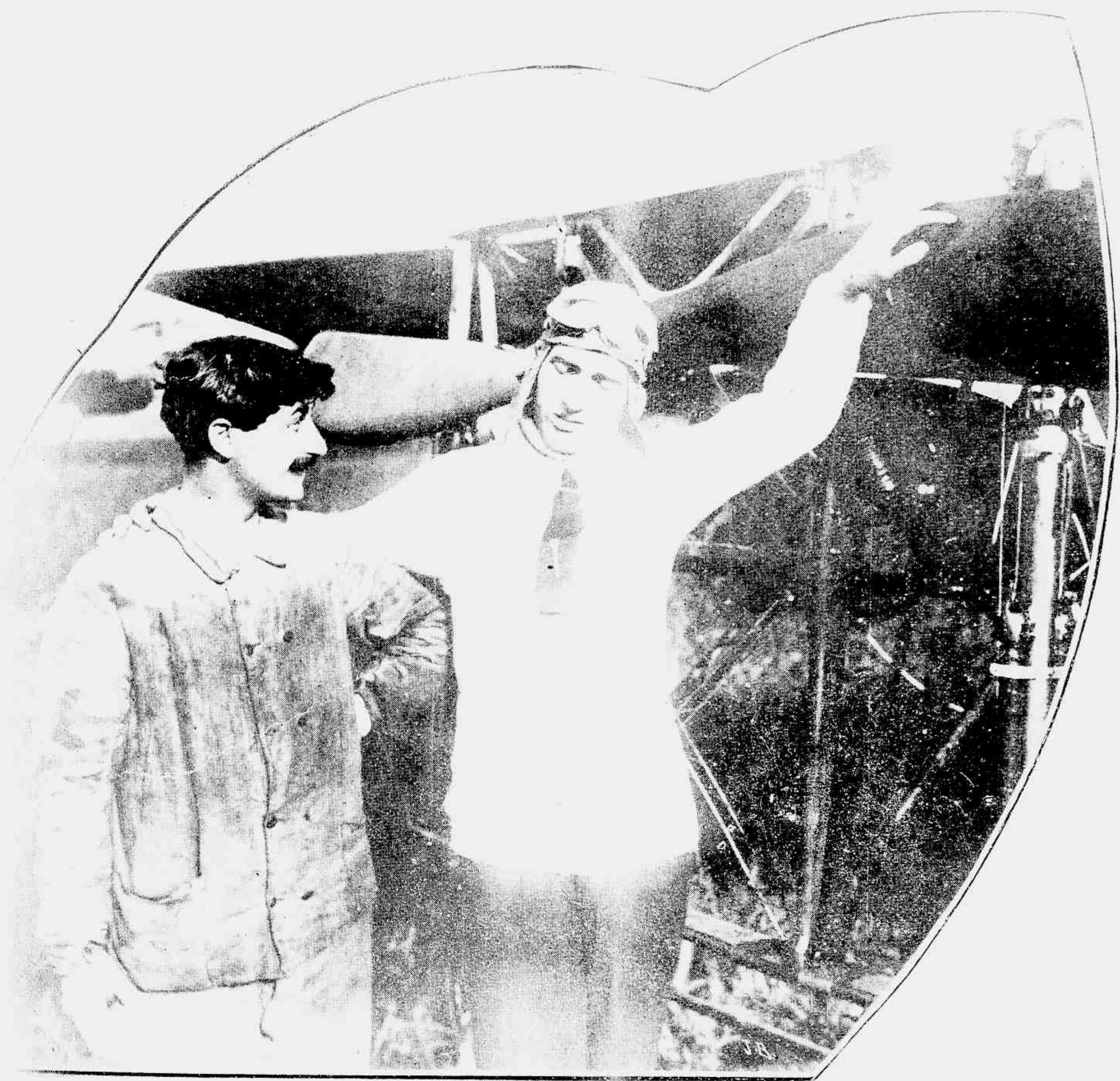
Imparcial Artistico, revista de theatros, circo e variedades, que acaba de apparecer em Lisboa.

Seguros de vida *Cruzeiro do Sul*, duas carteiras de notas, uma taca para papel e um relógio de alfineteira.

Do Sr. B. R. Azevedo, proprietario da Fabrica "Ignassu", uma lata de urtiga especial de Curitiba, Paraná.

Dos Srs. Michel G. Khoury & Comp., uma caixa com sabonetes rectang. Agradecemos.

AVIAÇÃO NO RIO



Boleão Rapini nos braços do seu ajudante, depois de um longo passeio pela cidade em seu aeroplano

NEURO -- DERMATINA BARROS

O melhor remedio para o arthritismo

Elimina o ACIDO URICO por dissolução e evita:
TUMORES, FURUNCULOS, ECZEMAS, DORES RHEUMATICAS, ULCERAS, ETC.

DEPOSITARIOS — Araujo Freitas & C. — RIO DE JANEIRO

CARTAS DE UM TABARÉO

Caro compadre :

Rio, Janeiro de 1913.

Escrevo-te de *Suicidopolis*, da cidade do suicidio, genero de sport que mais preocupa, no momento, o pessoal carioca.

Por dá cá aquella palha — suicidio.

Parece, meu querido, que a mania encontra o maximo desenvolvimento por duas cousas :

A noticia piegas ; a facilidade na acquisição dos venenos.

Se houvesse um certo rigor com os suicidas ; se os mettessem a ridiculo, estou certo que o numero dos que anceiam encurtar o prazo da vida ficaria muito reduzido.

O ridiculo, mesmo depois da morte, dóe como trinta...

Estão na moda a cocaina e o ly-sol, aliás o uso da primeira dessas drogas constitue vicio de muita gente, que a ella se entrega como outros se viciam ao ether, á morphina, etc.

No entanto, parece tambem que uma das principaes causas da epidemia suicida é a malandrice, a vadiagem.

Pergunta, compadre, a qualquer dos teus camaradas que, de sol a sol moureja no cabo de uma enxada se lhe sobra tempo para pensar no suicidio.

Vadição, luxo, jogo, bebidas, são os principaes caminhos que levam o individuo a zarpar deste mundo antes da hora.

Nunca uma deliberação do Congresso levantou celeuma igual á que fizeram com a lei desaccumuladora.

E' que os interesses feridos são em grande quantidade ; os cabides de empregos constituem legião.

E o Sr. Presidente vetou a resolução. Não conheço as razões em que apoiou S. Ex. esse procedimento, porque o periodico semanal, de cuidada factura, obriga a escrever cedo para... apanhar logar.

Quaesquer, porém, que ellas sejam não me demoverão do proposito, meu querido compadre de achar boa a lei ; o Sr. Presidente vetando-a talvez quizesse que o assumpto fosse mais estudado pelo Congresso, ou talvez a lei não preenchesse bem os fins, não resolvesse a questão como convém.

Penso que o Congresso manterá o principio salutar e moralizador da desaccumulação, meu querido compadre.

O acabamento do dia Santo de Reis não o prejudicou absolutamente.

Muita gente guardou o dia e até repartições publicas houve que deram sueto aos empregados.

Entretanto, nunca faltou quem

gritasse contra o elevado numero de dias santos e contra o Governo que os respeitava.

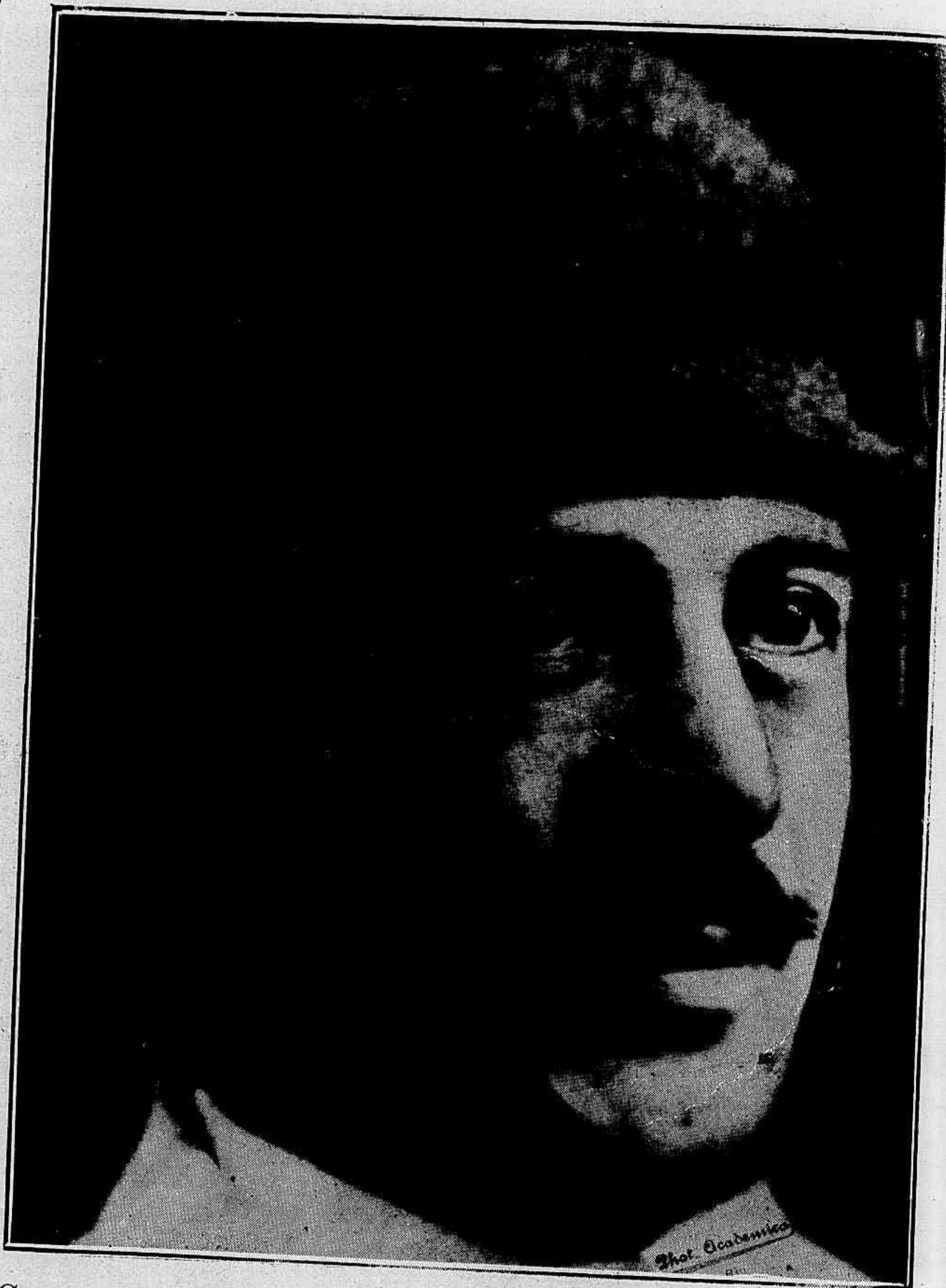
Indo ao encontro disso, resolveu o Papa reduzir o numero dos dias santos de guarda ; é quando o Go-

A Lanceta, periodico illustrado que se publica em Recife.

Revista Aduaneira, publicação mensal do Maranhão.

Da Companhia Nacional

A AVIAÇÃO



Garros conquistou novamente o "record" de altura, seguindo a vertical de 5.807 metros

verno, mais papista que o Papa, cria dias santos.

Sem mais, adeus.

Teu

Bermudes.

RECEBEMOS:

Imparcial Artistico, revista de theatros, circos e variedades, que acaba de apparecer em Lisboa.

Seguros de vida *Cruzeiro do Sul*, duas carteiras de notas, uma faca para papel e um relógio de algibeira.

Do Sr. B. R. Azevedo, proprietario da Fabrica Iguassu', uma lata de matte especial de Curityba, Paraná.

Dos Srs. Michel G. Khoury & Comp., uma caixinha com sabonetes reclame. Agradecemos.

AVIAÇÃO NO RIO



Napoleão Rapini nos braços do seu ajudante, depois de um longo passeio pela cidade em seu aeroplano

NEURO -- DERMATINA BARROS

O melhor remédio para o arthritismo

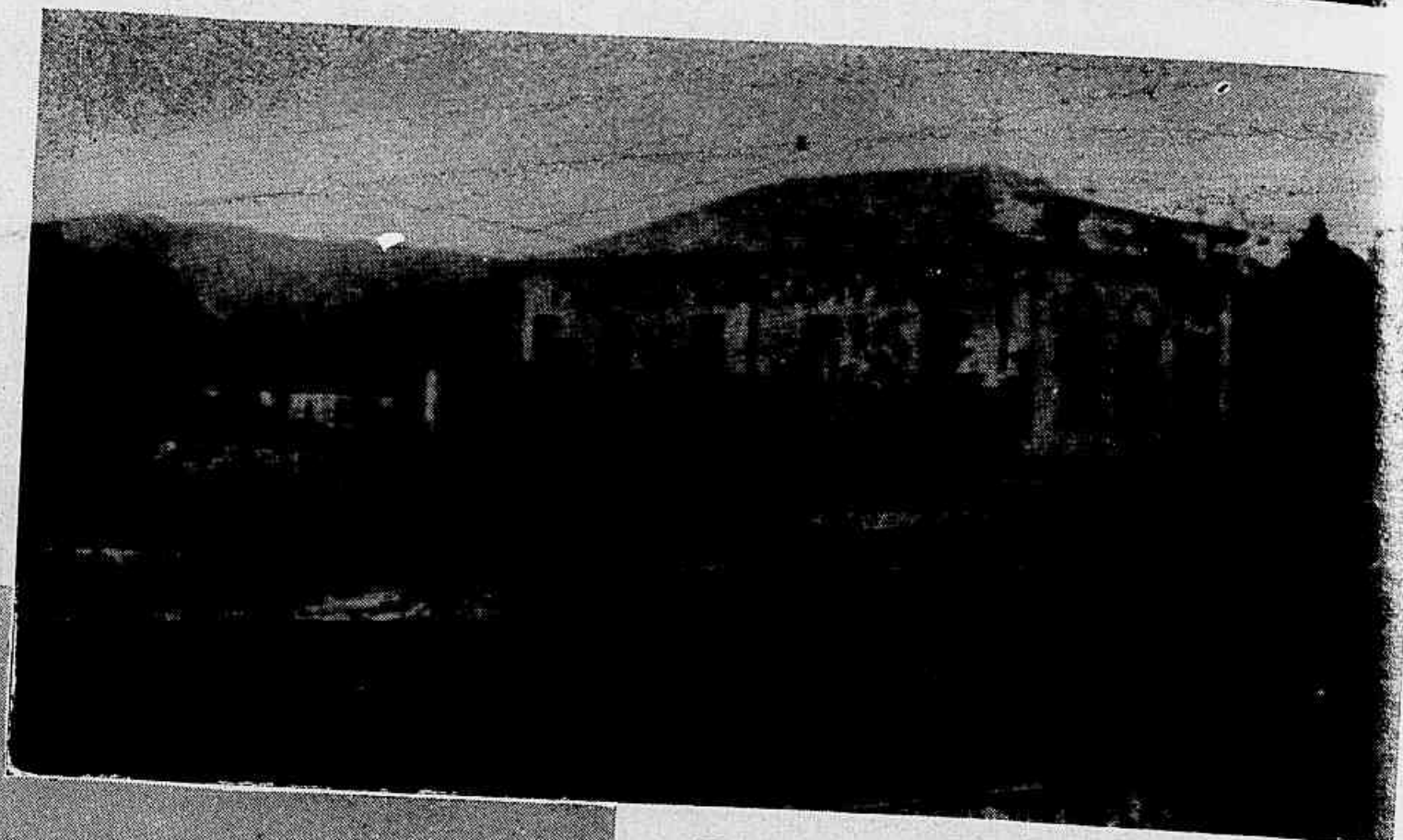
Elimina o **ACIDO URICO** por dissolução e evita:
TUMORES, FURUNCULOS, ECZEMAS, DORES RHEUMATICAS, ULCERAS, ETC.

DEPOSITARIOS — Araujo Freitas & C. — RIO DE JANEIRO

UM PRESENTE

A GUILHERME II

A 2 de Junho de 1878 o Imperador Guilherme I, da Alemanha, passava, de carruagem, pela Avenida das Tílias, em Berlim, quando um individuo de appellido Nobiling desfechou sobre elle dous tiros de revólver. O Imperador, attingido no rosto, cahiu sobre as almofadas da car-



Estado de Minas Geraes—Juiz de Fôra—Rua Mariano Procopio—*Fabrica do grande preparado "Capi- varol", pertencente ao Sr. Tenente Co- ronel Carlos Barbosa Leite.*

Estado de Minas Geraes—Juiz de Fôra—Rua Mariano Procopio—*Pharmacia Barbosa, pertencente ao Sr. Tenente Coronel Carlos Barbosa Leite.*



garganta, morrendo desse ferimento a 10 do mez de Setembro seguinte.

A familia do regicida pediu então licença, que lhe foi concedida, para mudar de appellido, chamando-se hoje Edeling.

ruagem, que ficaram completa- mente manchadas de sangue.

No momento do attentado, fazia a continencia militar um joven Tenente de artilheria, o Conde von Reichenbach, que se encontrava no passeio opposto e que immediatamente saltando para a carruagem, levantou o Imperador, desmaiado, limpando-lhe com o lenço, a fronte ensanguentada.

Guilherme I, apenas se restabeleceu, mandou chamar o joven tenente e concedeu-lhe uma alta distincção, ao mesmo tempo que o promovia ao posto immediato.

O Conde von Reichenbach acaba de se reformar em Major-General.

E no dia da reforma enviou ao Imperador Guilherme II as luvas e o lenço que levava quando occorreu o attentado e que se encontram manchadas do sangue de seu avô.

Esses objectos vão ser collocados no museu de familia dos Hohenzollern.

Vem a proposito dizer que Nobiling voltára a arma contra elle proprio e desfechára um tiro na

Incommodos de Senhoras e A SAUDE DA MULHER

*Poucas colheres alliviam -
Poucos frascos curam :*

Inflamação do utero.

Incommodos da idade critica.

Regras dolorosas.

Colicas uterinas.

Flores brancas.

Hemorrhagias.

Suspensão.



REMEDIO PARA USO INTERNO.

Laboratorio Daudt & Lagunilla
Rio de Janeiro

Vende-se em todas as pharmacias do Brazil

A ANTIGA PARIS

Origem de alguns nomes

Rue des Bons Enfants—(Rua dos Bons Meninos) — Quereis saber quem são estes bons meninos?

Não julgueis que eram meninos amados ou bem tratados. Eram pobres crianças reduzidas a mendigar para viver.

No seculo XIII um burguez de Paris, chamado Belot, e sua mulher Ada, tiveram a piedosa idéa de fundar, junto á Egreja de Saint-Honoré (Santo Honorato), um collegio para 13 estudantes pobres. Fizeram construir uma casa para abrigar os seus protegidos, mas não puderam dotar a sua instituição que foi denominada "Hospital dos Pobres Collegiacs", pois os alumnos pobres como eram, pediam de esmola a sua alimentação nas ruas da capital.

Ha uma peça intitulada *Gri-tarias de Paris*, onde se encontra a prova disso:

Les bons enfants orrer crier

Du pain ne veuil pas oublier.

Depois a casa delles foi chamada o hospital dos Bons Meninos; elle foi supprimido em 1602, mas a rua, onde funcionou, ficou com a sua denominação.

Rue du Fouarre — (Rua do Feno) — Chamava-se esta rua do *Feurre*, no seculo XIII, palavra que em francez antigo quer dizer feno, palha

Este nome provinha do facto dos collegiacs muito numerosos sentarem-se sobre os mólhos de feno que sempre havia alli. Com a pluma ao chapéo, a bolsa a tiracolo, sua bagagem escolar não os incommodava!

Pittoresco devia ser esse auditorio, onde os pobres alumnos, vindos de todas as provincias da França, se acotovellavam para ouvirem as palavras dos mestres da Universidade de Paris, já então celebre.

UMA MULHER

CHAUFFEUSE

Miss Jennette Everett, de Philadelphia, descendente de uma antiga familia da Nova Inglaterra, dá actualmente a nota naquella cidade, desempenhando galhardamente a profissão de

"chauffeuse" de automoveis de praça.

Ao que sabemos é em todo o mundo a primeira mulher que desempenha essa função.

Miss Everett usa largos calções, peletot e bonet e tem sempre para os freguezes o mais amavel dos sorrisos.

A joven motorista tem como ajudante um rapaz forte, que se encarrega dos serviços mais pesados.

Ella tentara por diversas vezes empregar-se como "cauffeuse" em uma companhia de "ta-

xis"; não conseguiu porém que nenhuma dellas lhe confiase um carro; Miss Everett não desanimou, porém; adquiriu a credito um carro e obteve licença para estacionar em frente de um hotel, recebendo chamados por telephone.

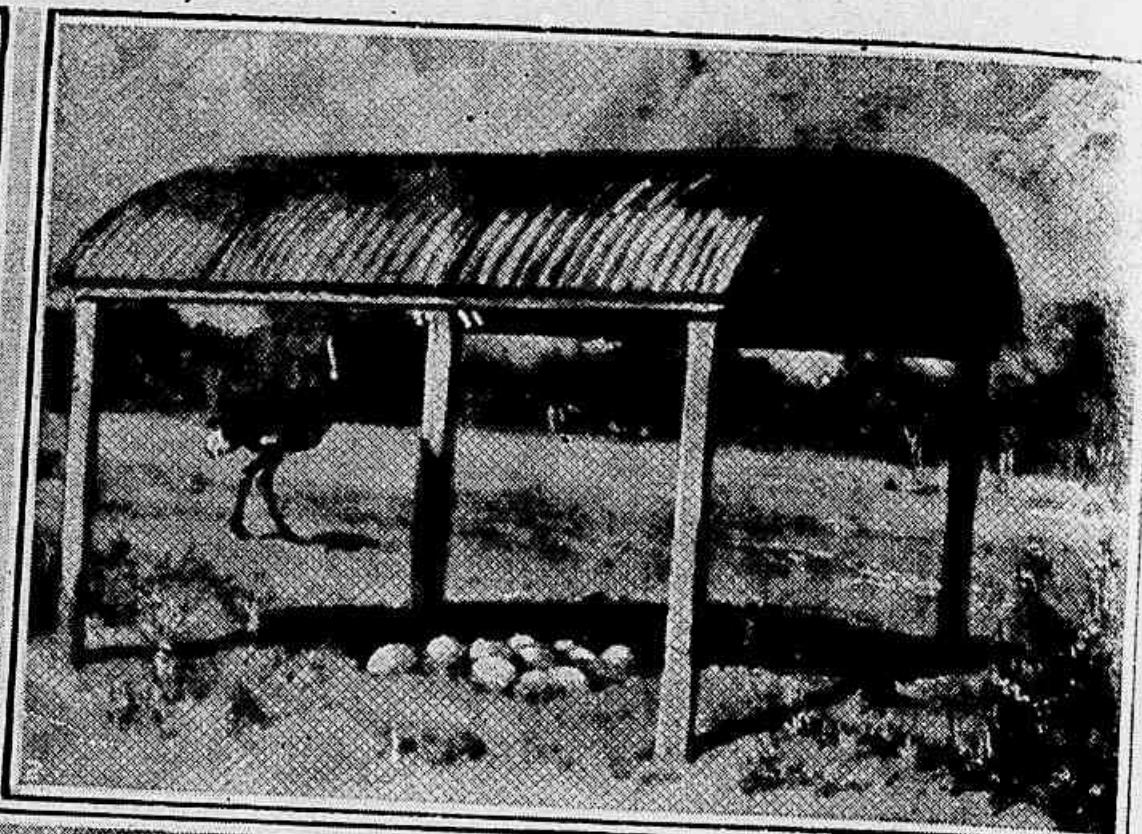
Intervistada por um reporter, Miss Everett declarou-se satisfeitiissima com a sua profissão e disse que tinha razões bastantes para assegurar que as mulheres podem perfeitamente competir com os homens nesse ramo de actividade.

HELENA PROVOST



O casamento da festejada actrix Helena Provost, realisado ultimamente

O AVESTRUZ



A criação de Avestruzes na Africa do Sul e o preparo das plumas

— Deram-te hontem uma bofetada ?
 — Deram. Mas quem a deu não faz outra.

— Ainda bem. Por que ?
 — Partiu hoje para a Europa.

O TOCADOR DE GUITARRA

Derreado, o velho sentara-se para alli, sobre uma pedra, collocando nos joelhos a sua fiel e preciosa guitarra.

E nem se movia, todo cauteloso, cheio de precauções, como faria uma mãe carinhosa com um filho adormecido. Inclinado para o instrumento, contemplava a sua madeira pallida, e comprimia os seus dedos nodosos sobre as seis cordas um pouco largas e as chaves, outr'ora negras, mas que o uso fizera desmaiar.

Como era o primeiro domingo bello, naquella mez de Abril, Jacome não se sentia muito infeliz. Alegrava-o a idéa de se ter ido o inverno com todos os seus rigores. O espectáculo e o aroma de uma linda rosa, toda florida, fazia-o sorrir.

De espaço a espaço, relanceava a vista pelas primeiras casas da aldeia, onde toda a gente viria escutar as suas canções e pagar as suas pantominas.

O seu velho rosto de polichinello illuminou-se de um grande contentamento. Bem sabia que os homens são muito mais generosos quando a primavera começa ostentando o seu lindo céu azul.

E uma mesma generosidade vaga sentia em si; certamente não seria lançada pelas mãos fóra grande porção de moedas que a manifestaria, mas denunciava-a o mais alegremente possível naquelles seus olhares vivos, calorosos, que lhe valeram a alcunha de "Napolitano".

Mas Jacome era simplesmente piemontez. Ha annos e annos que elle percorria os paizes do Norte, sem ter podido esgotar a provisão de sol e de alegria

que disbribuia, por quantias minimas, aos desgraçados que nunca conheceram os paizes do Sul.

Refeito da fadiga, ergueu-se e poz-se em marcha, a caminho da povoação.

Logo na primeira casa, fez uma boa colheita. Duas mulheres entretinham-se a ver correr por entre ellas um garotito. Detiveram-se ao ver o velho musico e pediram-lhe uma aria para a criancinha dansar. Jacome, o coração a transbordar de alegria, tocou e cantou a sua mais bella tarantella. A criança ria, saltando alegremente. As mulheres batiam as palmas; e deram tres sôus ao cantador, que se afastou, não sem ter tirado o seu chapéo fatigado.

— Bella região e boa jornada, pensou Jacome.

E avançava sem desconfiança, quando, bruscamente, ouviu um ruido roufenho e mecanico que despedaçava o bello silencio.

Giacomo parou attento.

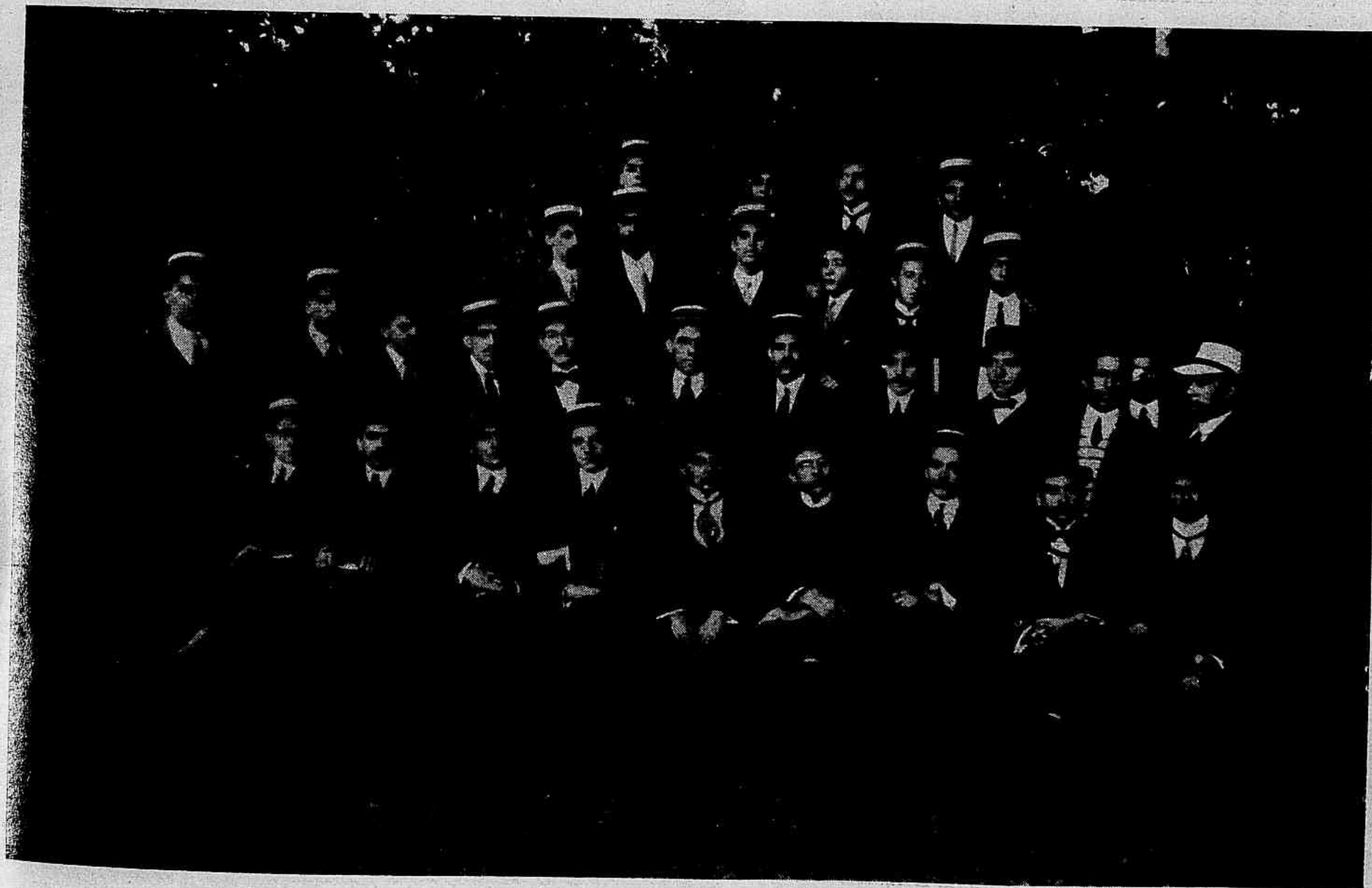
Tinha reconhecido o seu maior inimigo: o phonographo. Era o phonographo.

Até naquella aldeola, perdida no fundo dos campos, o seu adversario, poderoso e malicioso, vinha subjugal-o, vencel-o.

Em todos os cafés e em todas os albergues onde havia um phonographo, não se queria mais ouvir a encantadora guitarra.

Aqui ainda, como em tantas outras partes, expulsariam Jacome sem querer ouvil-o, zombando delle.

O velho cantador deixou descansar um pouco o seu coração abalado. Depois quiz ter uma esperança, dizendo de si para si que talvez aquelle phonographo não pertencesse ao taberneiro, mais a algum particular.



Alunos do segundo anno da Faculdade Livre de Direito

REVISTA DA SEMANA

Porém, quando chegou á praça, aproximou-se da taberna e viu no fundo da sala a caixa de onde sahia o cantar infernal. Os bebedores ouviam, entusiasmados, aquella musica sem musico; Jacome teve vontade de chorar.

Esperou que terminasse o trecho. Depois, com uma coragem que sabia inutil, entrou e offerceu-se por sua vez para cantar. Quasi lhe não ligaram importancia, e as poucas pessoas que, em volta delle se juntaram, ao vê-lo entrar, retiraram-se logo



Grupo de alumnos do terceiro anno da mesma Faculdade



Grupo de graduandos da Faculdade Livre de Direito, no anno proximo passado

que o taberneiro annunciou o novo disco, cantado pelo mais celebre dos tenores italianos.

Jacome não insistiu e afastou-se. Em breve atravessou a povoação e encontrou os campos, o espaço, o silencio. Mas ouvia sempre, no fundo dos seus ouvidos, a voz do phonographo que o havia expulso.

Que iria fazer ? Qual o seu futuro ?

Não era já desde aquelle dia que fugia diante do conquistador. Lembrava-se do primeiro phonographo que ouviu uma tarde, num arrabalde de Paris. A principio aquillo divertia-o e achava gra-

ironicamente a seus ouvidos. E quando elle se apresentava, acolhiam-no com zombarias. Abatido, desgraçado, perdera toda a serenidade. Percebia que andava fazendo uma figura tristissima e revoltava-se contra a sua vergonha e a sua timidez.

A noite cahia docemente. O pobre musico sentia-se vencido. Marchava na campina azulada, tendo contra o peito a guitarra, como companheira de desgraça. Tinha fome e sede, mas no bolso apenas havia umas miseraveis moedas. Estava fatigado, lamentavelmente triste. Pensava no seu passado florescente. Revia o tempo feliz em que tirara lu-



Grupo de alumnos e alumnas das escolas do 9.º districto e o inspector escolar Dr. Fabio Luz

ga em imitar diante do aparelho o seu nasalado e tremido. Aquella imitação deu-lhe algum dinheiro, mas dahi a pouco o publico revoltava-se contra elle por andar ridicularisando um divertimento tão interessante.

Prudentemente, Jacome abandonou o arrabalde entrando num bairro da cidade. Mas até alli o phonographo o perseguiu e tratou de fugir da cidade, convencido ingenuamente de que o phonographo não existia nas aldeias. Mas o inimigo diante do qual fugia tinha-o precedido agora. Jacome não se sentia com forças e, continuando embora a andar, ambicionava não encontrar mais povoações nem casas. No entanto, quando avistou o burgo que o levava á estrada, tentou mais uma vez a sorte e procurou os cafés.

Tres vezes foi recebido com a mesma sem-ceremonia; tres vezes, como a tormenta de um guerreiro vencedor, o pavilhão do phonographo resouu

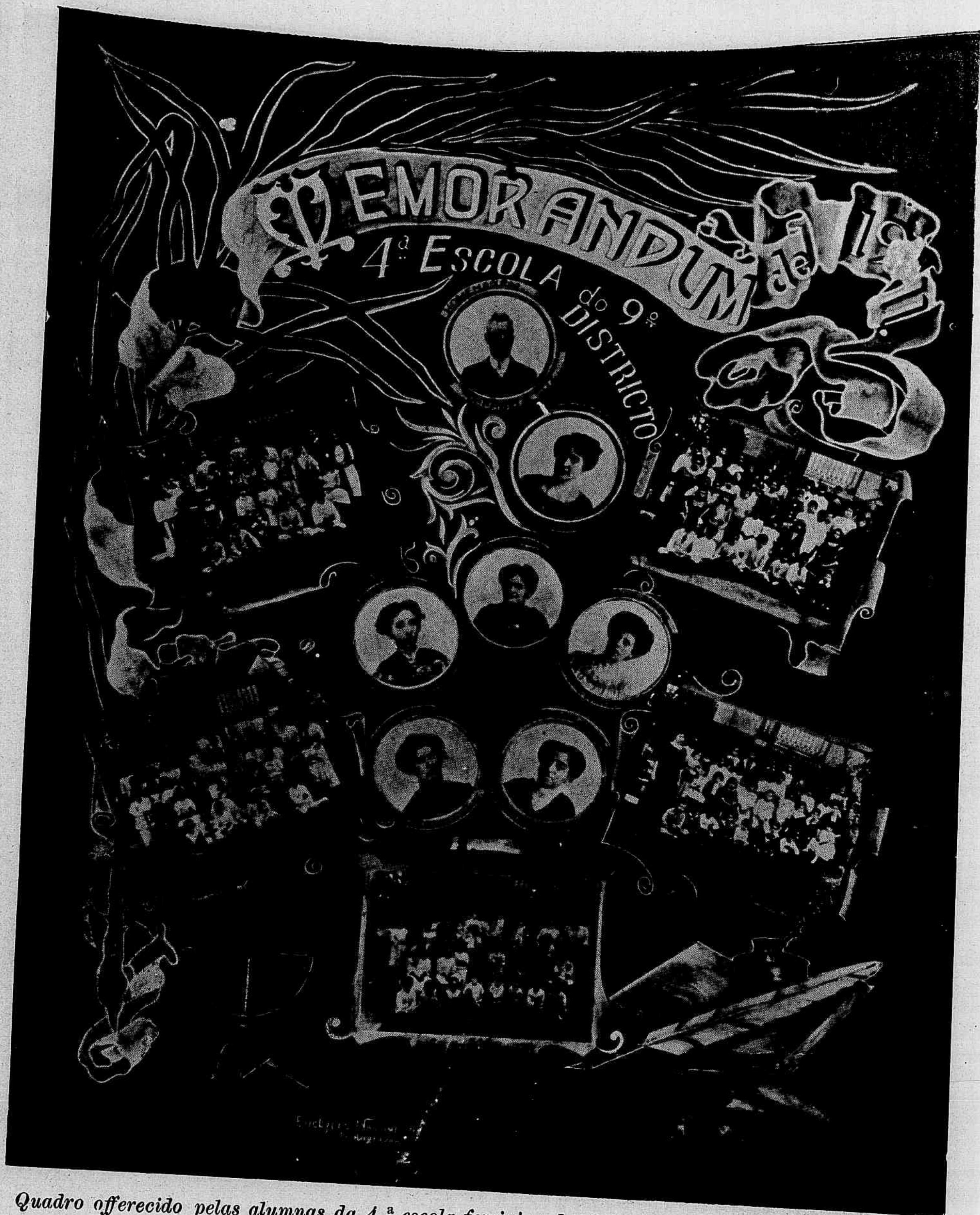
cros quasi fabulosos. E, recuando pelos annos idos, encontrava na memoria, como thesouros crueis, os bellos paizes que atravessara, para chegar áquella situação, numa terra abandonada, até pobre de sol.

Reconhecia muito longe, envolta em nuvens, a Italia e a cidade em que nascera.

Com que vontade para lá voltaria, se não estivesse tão velho ! Mas aquella idade !... Agora teria de morrer naquella paiz deserto, corrido por todos, como um cão. E não morrer de velhice, mas morrer de fome.

Jacome entrou de novo na aldeia, onde áquella hora se realizava um baile. Approximou-se, espreitou por uma das janellas abertas, e viu, substituindo a orchestra, um gigantesco, um poderoso e terrivel phonographo...

Nem entrou, e fugiu da povoação. Agora tudo



Quadro offerecido pelas alumnas da 4.^a escola feminina do 9.^o Districto, a professora D. Antonia Nery Costa, no dia de seu anniversario

tinha terminado. Poz-se a chorar. E chorava sem parar, de fronte curvada para a terra. As vozes implacaveis de mil phonographos resoavam-lhe nos ouvidos e, como flores de pesadello, os grandes pavilhões multicores perseguiam-no.

Em meio daquelles ruidos e daquellas visões,

não ouviu a sirene e o arfar de um automovel que corria sobre elle. A branca luz do pharol cegou-o. Num momento, lembrou-se de saltar para o lado, mas depois pensou: "Para que?", e collocando contra o coração, num gesto de amor, a sua guitarra, deixou-se esmagar com ella,

As poeiras e os microbios

HA muitos annos já que os hygienistas se encontram perfeitamente de accordo sobre a inconveniencia de se varrerem casa a secco. Deve, portanto, ser banida a vassoura, apparecendo em sua substituição o systema da limpeza por meio de pannos humidos.

Num interessante estudo agora publicado sobre as poeiras e os microbios do ar, M. M. Sartory e Marc Langlais põem de novo a questão em fóco, trazendo a publico uma longa série de curio-

rias. Passados cinco minutos de varredela "precedida de uma rega abundante com agua addicionada de um antiseptico", 9.000 bacterias. Passados dez minutos, 10.500 bacterias.

Baixar de 135.000 para 10.500 o numero de bacterias, segundo o processo de limpeza adoptado já é na verdade animador, mas procedendo a uma série de experiencias do mesmo genero na escada de um predio antigo, escada mal illuminada e tambem rica em escaninho M. M. A. Sartory e Marc Langlais descobriram que uma lavagem, precedida de uma rega addicionada de qualquer solução an-



Festa campestre, organizada pelo Sr. Adelino, conhecido negociante desta praça, no Sacco de S. Francisco

sas observações sobre o numero de germens que podem ser levantados segundo o processo de limpeza.

A primeira das experiencias citadas, realizou-se na cozinha de uma casa modelo, em que innegavelmente se observavam os preceitos do asseio: cozinha de cerca de 150 metros cubicos, tendo o sobrado de mosaico.

1.º ensaio — Antes de varrer, contavam-se 2.200 bacterias por metro cubico de ar. Após cinco minutos de varredela a secco, 75.000 bacterias. Após dez minutos, 135.000 bacterias.

2.º ensaio — Antes de varrer, 1.800 bacterias. Após cinco minutos de varredela, sendo o chão previamente "regado", 83.000 bacterias. Passados dez minutos, 37.000 bacterias.

3.º ensaio — Antes de varrer, 2.400 bacterias. Depois de cinco minutos de varredela, 16.000 bacterias. Passados dez minutos, 28.000 bacterias.

4.º ensaio — Antes de varrer, 2.600 bacte-

tiseptica, fazia baixar a 3.800 por metro cubico o numero de bacterias que era de 410.000, dez minutos depois da mesma escada ter sido varrida a secco.

Os dous sabios queixam-se amargamente da moda, que por enquanto persiste, de varrer "a secco", os "trottoirs" de Paris.

A poeira assim levantada — dizem elles — e que fórma nuvens que chegam a attingir a altura de um quinto andar entra por todas as casas, emporcalha-as, infecta-as, cobre moveis e tapetes; e lá por volta das sete ou oito horas — quando não é ainda mais tarde, visto serem pouco acatados os regulamentos de policia — eil-a que volta a cahir nas costas dos transeuntes. E esta poeira, que a rua fornece "por grosso" ás habitações, das quatro para as seis horas da manhã, é lhes fielmente restituída por "miudo", ás horas da limpeza domestica. E' um processo lamentavel que de certo nem poderá contar com a defesa dos mais irreductiveis partidarios do livre cambismo.



Festa offerecida pelo Dr. Abilio Borges na ilha do Governador, por ocasião de seu anniversario

CUSPINDO UMA BALA

Este caso merece ser noticiado pela sua curiosa originalidade.

José Maria Jégoux, residente em Sourn, foi ha vinte e seis annos militar, fazendo parte da guarnição de Dunkerque.

Um dia, nuns exercicios de tiro, o ricochete de uma bala attingiu Jégoux na tempora esquerda. Como o lamentavel desastre se deu em serviço, Jégoux foi reformado, pois não conseguiram os medicos, apezar de todos os seus esforços, extrahir-lhe a bala, e muito menos cural-o. Voltou para a terra, e até hoje tem soffrido constantemente de fortissimas dôres de cabeça, produzidas pela terrivel bala.

Mas o peor que o ferimento lhe causou foi não lhe permittir fallar facilmente. Jégoux soffria tambem de grande fraqueza de vista e muitas dores neuralgicas do lado esquerdo da face.

Nos ultimos tempos, porém, sentiu-se melhor, fallava perfeitamente, passaram-lhe as dores, podia trabalhar. Uma espessura que tinha na gengiva e a que já ha muito se tinha habituado, começou a fazer-lhe certa impressão. Ora ha dias foi dar um



O conhecido educador Dr. J. Abilio Borges, na ilha do Governador, em companhia de diversos amigos.

passeio e de repente sentiu cahir-lhe sobre a lingua um objecto pesado.

Tirou então da bocca, uma massa metalica, enegrecida e informe, que era apenas a famosa bala recebida no exercicio de tiro. Ha vinte e seis annos que a tinha alojada na cabeça. Agora, curado, Jégoux guarda-a como uma curiosa reliquia.

A SEGUNDA MOCIDADE

Tem havido exemplos de grande actividade intellectual, não obstante a idade.

Verdi, depois dos oitenta annos, produziu o "Falstaff", cujos ensaios foi pessoalmente dirigir a Paris.

O Barão Waldeck, archeologo, pintor e gravador, que morreu com mais de cem annos, acompanhou a expedição de Bonaparte ao Egypto. Dizia elle com graça: "Bem sei que já devia ter morrido ha muito; mas tenho ainda tanto que fazer que não tenho tido tempo de morrer."



Mlle. Helena Rapini, a primeira aviadora que veio ao Brasil e á America do Sul

Chevreur, outro centenario, publicou aos 95 annos um livro scientifico.

Fontenelle, que viveu um seculo, foi sempre o mais amavel e o mais galante dos cavaqueadores.

A uma joven que deixára cair uma luva que elle não pôde levantar, com a presteza que desejava, disse: "Que pena, minha formosa senhora, que já não tenha os meus oitenta annos!"

Academico, festejou o 50° anniversario da sua entrada na Academia e depois o 60° e o 70°

Uma ingleza foi de proposito a Paris para o vêr. Tinha elle então noventa e nove annos.

A ingleza fallava mal o francez; atraçoada talvez pelo insufficiente conhecimento da lingua, disse, sem preambulos, que receava não chegar a tempo de ser recebida por elle.

— Não precisava de se apressar, minha senhora; eu não commetteria a indelicadeza de não esperar por uma dama tão gentil.

A maior lucidez de Fontenelle revela-se precisamente nos seus ultimos trabalhos.

São consoladores estes rebentos da vida intellectual, sob o ponto de vista da possivel duração das faculdades.

Em muitos casos pôde dizer-se afoutamente: "logar aos velhos!"



Os interessantes filhos do Dr. Oliveira de Menezes, ao entrar para o collegio



Do Natal

ao Anno Bom



*Presepe de pastorinhas
da rua S. Leopoldo
e os seus grupos ca-
racteristicos.*



INSTITUTO DE PROTECÇÃO E ASSISTENCIA Á INFANCIA



Concurso de robustez — As crianças classificadas no concurso do Instituto de Protecção e Assistencia e Infancia



*As tres crianças que obtiveram os primeiros premios no concurso de robustez —
1.º, João Baptista ; 2.º, Almiro Duarte ; 3.º, Canuto de Souza Torres*



O banquete offerecido ás crianças pobres no dia 1 de Janeiro — Outro aspecto do banquetê do Instituto de Protecção á Infancia

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos os cumprimentos de feliz anno novo, enviados pelos nossos caros leitores:

J. N. Rocha, M. Mattos, Oscar Varady, Antonio Castro da Veiga Pinto, Antonio Corrêa, J. A. Sardinha, Alonso de Niemeyer, Paschoal Segreto, Salvador Palmieri, Zázá e Raul Soares, Rose Méryss, Almeida & Pedrosa, Julio Cesar Uzeda Rocha, Eduardo Martins Ribeiro de Carvalho, Ruy Ribeiro Couto, João José Pereira Vianna Junior, Angelo Tavares, Alzira Leão, Edith Coutinho, Laurindo Pacheco, Laura Gomes, Inferiores do 53º batalhão de caçadores de Lorena, Directoria e Conselho Director do Club de Engenharia, Collegio Militar, Club Nautico Saldanha da Gama, Garantia da Amazonia, *Revista Aduaneira do Maranhão*, São Luiz; *Cruzeiro do Sul*, Conselho Director da Phenix Caixerial, Directoria do Centro Mineiro, Directoria da Associação de Imprensa, Officiaes inferiores do 3º batalhão de infantaria da Brigada Policial, Centro Paranaense, Alberto Carlos dos Santos & C.

SUAVE MILAGRE

Junto a Sihem, num casebre, vivia uma viuva desgraçada entre todas, que tinha um filho doente com as febres. O chão miseravel não estava caiado, nem nelle havia enxerga. Na lampada de barro vermelho seccára o azeite. O grão faltava na arca; o ruido dormente do moinho domestico cessára, e isto era, em Israel, a evidencia cruel da infinita miseria. A pobre mãe, sentada a um canto, chorava—e estendida sobre os joelhos, embrulhada em farrapos, pallida e tremendo toda, a criança pedia-lhe, numa voz debil como um suspiro, que lhe fosse chamar esse Rabbi de Galiléa, de quem ouvira fallar junto ao poço de Jacob, que amava as crianças, nutria as multidões e curava todos os males, com a caricia das suas mãos. E a mãe dizia chorando: — “Como queres tu, filho que eu te deixe e vá procurar o Rabbi de Galiléa? Obed é rico e tem servos, eu vi-os passar e debalde buscaram Jesus por areas

e cidades, desde Chorazin até ao paiz de Moab. Septimus é forte e tem soldados; eu vi-os passar e perguntaram por Jesus sem o achar, desde o Hebron até ao mar. Como queres tu que eu te deixe? Jesus está longe e nossa dôr está connosco. E sem duvida o Rabbi, que lê nas synagogas novas, não

tir e ir procural-o?... Longas são as estradas da Syria, curta é a piedade dos homens. Vendo-me tão pobre e tão só, os cães viriam ladrar-me á porta dos casaes. De certo, Jesus morreu; e com elle morreu, uma vez mais, toda a esperança dos tristes.”

Pallida a criança, murmurou:

INSTITUTO DE PROTECCÃO E ASSISTENCIA Á INFANCIA



O monumental “Bolo de Reis”, que foi partido e comido pelas crianças que compareceram á festa

escuta as queixas de uma mãe de Samaria, que só sabe ir orar, como outr’ora, no alto do monte Garasin.”

A criança, com os olhos cerrados, pallida e como morta, murmurou o nome de Jesus. E a mãe dizia chorando:

“De que me servirá, filho, par-

— “Mamãe, eu queria ver Jesus de Galiléa...”

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse a criança:

— Aqui estou.

EÇA DE QUEIROZ.



Enorme mesa em que se achavam os brinquedos



Aspecto do salão onde foi feita a distribuição de brinquedos pelas damas da Assistencia à Infancia, na festa de segunda-feira, 6 do corrente

— Acceite uma cadeira, cavalheiro.
— Não posso, excellentissima... O motivo que aqui me traz impede-me de acceitar a cadeira que

me offerece. Tenho que levar, pelo menos, a mobilia toda. Sou official de justiça e venho executar um mandado de penhora.



A Academia das Sciencias moraes e politicas elegu não ha muito um membro livre em substituição de Gabriel Monod.

O Sr. Delatour, Director da Caixa dos Depositos em Consignaões, foi eleito no terceiro escrutinio.

Aqui estão os resultados dos tres escrutinios:

	1°	2°	3°	
Ch. Adam.	13	7	3	
Delatour	15	19	23	Eleito
Fernand Laudet. . . .	12	15	15	
Conde de Rocquigny. .	1	0	0	

O numero de votantes é 41, sendo a maioria absoluta 21 votos. Delatour foi proclamado eleito. A commissão o havia apresentado em primeira linha *ex-aequo* com Ch. Adam. Os Srs. Comhes de Lestrade, Robiquet, Dr. Marie e Ch. Legrand tinham retirado suas candidaturas.

O novo academico é Conselheiro de Estado e Commendador da Legião de Honra. De sua lavra ha uma obra notavel sobre *Adam Smith, sua vida e sua obra*, um *Estudo da incidencia do imposto*, um *Estudo sobre o imposto*, etc.

Delatour collaborou para a lei sobre as reservas operarias e, além do mais, sua palavra é sempre ouvida com attenção pelos parlamentares, quando elle está em commissão do Governo sentado ao lado do seu Ministro.

tem medo de ser esquecida se não se acha na onda que a arrasta para o turbilhão da vida moderna.

Pensa que foi enterrada viva, se fôr forçada a ficar dous dias seguidos em casa, sem visitas a fazer ou sem qualquer outra occupação excitante; e finalmente tem de recorrer a uma estação num sanatorio para recuperar a vitalidade perdida, afim de recommençar de novo a sua vida de prazeres.

Uma mulher desta ordem, diz Ellen Key, póde dirigir tudo: — *meetings*, conferencias, comicios,



Sra. Ellen Key

Conselho ás mulheres casadas

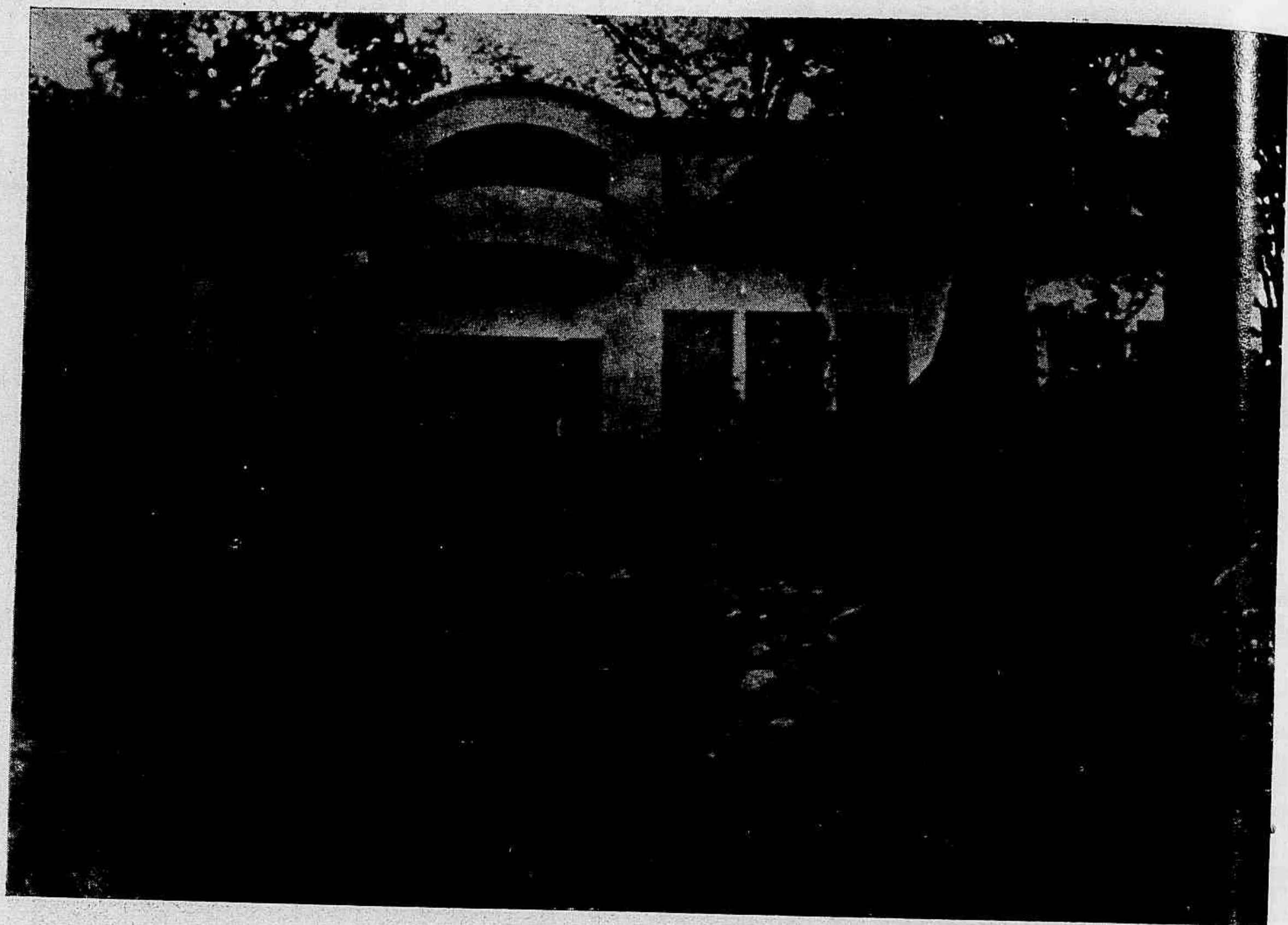
Dizeia de Stockholmo que uma senhora de alta distincção chamada Ellen Key, que com Selma Lagerlöf divide as honras de dirigir as escriptoras scandinavas, reside actualmente numa casa nova no Lago Vättern. Dahi dirigiu uma especie de manifesto afim de aconselhar ás mulheres de hoje que se considerem *up to date*.

Mostra-se receiosa da luta actual das mulheres para se apoderarem dos logares occupados até hoje por homens, e mostra bastante scepticismo a respeito da sinceridade da mulher moderna para trabalhar.

Ellen Key receia que a "consciencia social" da mulher moderna seja muitas vezes uma especie de fome nervosa para ser estimulada ou empurrada por meio de influencias estranhas. Não sendo a sua propria alma sufficiente como companheira,

sociedade, casa, marido e filhos;—pelo menos é essa a sua opinião. Talvez seja diversa a esse respeito a opinião do marido e dos filhos.

Existe tambem outro typo — aquelle que parece interessar — a boa Ellen Key mais do que o primeiro — é a mulher que com lagrimas nos olhos e na voz chora dizendo: "Como posso fazer tudo isto? Eu desejava viver sómente para minha casa e para minha familia, mas é preciso trabalhar, visto não podermos viver sem o dinheiro que ganho. Não tenho mesmo tempo para gozar da minha felicidade, cahindo como cahi entre duas difficuldades — o trabalho para ganhar dinheiro de um lado e o lar domestico do outro." Para mulheres desta ordem não existe remedio senão quando a comunidade determina que cada mulher que trabalha para ganhar a vida é uma perda para a communhão — uma cousa muito mais importante do que muitas das futilidades para as quaes a sociedade moderna pede auxilios publicos.



Casa de residencia da Sra. Ellen Key

O grande perigo actualmente para a mulher é que ella não sabe até que ponto deve chegar. Quer metter-se em tudo. Mas, diz Ellen Key, a mulher deve "aprender a distinguir entre as diversas phases da vida, e limitar-se á que é essencial para a sua alma."

No momento actual, a maior e mais valiosa occupação da mulher é a sua obra social, que ella julga superior ao trabalho do lar. Mesmo assim, as grandes questões do dia não devem ser, por esta razão, abandonadas. Não existem muitas mulheres que, mesmo no calor da luta, não deixam uma vaga no seu lar; mulheres que não encontram a menor sympathia por parte dos homens, e para quem as crianças não estendem as pequenas mãos para receber conforto e carinho.

Que juizo erroneo o das mulheres que pensam que o marido e os filhos occupam um logar secundario em quanto ellas se agitam e organizam comícios, conferencias, etc. ! Não pensarão nas diversas phases da vida ?

Uma profunda e sincera communhão entre marido e mulher, entre paes e filhos, não é cousa que nasce espontaneamente, nem a qualquer momento pôde ser evocada nos *meetings* politicos.

"Vocês correm pressurosas para um *meeting* ou uma conferencia justamente no momento em que um ente que vos é caro tem uma dadiwa a fazer, uma dadiwa que desaparece rapidamente no abysmo do tempo e que nunca será sua. Vocês têm

mais trabalho hoje e não podem cuidar dos filhos, mas não encontrarão amanhã o tempo que hoje devias, dedicar ao filho, porque ha occasião para tudo, para cada um de nós; no dia de amanhã podemos estar no numero dos mortos.

Nenhuma mulher com marido e filhos pôde tomar parte no trabalho fatigante e enorme da época moderna sem perder a sua importancia sagrada aos olhos daquelles que lhe deviam consagrar grande amor.

Ellen Key acaba de fixar residencia na sua bella vivenda na Suecia central. A planta da casa que ella mesma desenhou é muito original, especialmente quanto ao interior. Está encantada com o seu trabalho, e em um artigo por ella publicado, faz a apologia de um *home* no campo. "Existem poucos, diz ella, que podem pronunciar a palavra *home* com aquelle sentimento tranquillo de verdadeira felicidade. Essa palavra representa o logar onde nascem gerações sobre gerações, vivem e morrem na mesma localidade ou na mesma fazenda. Para poder dizer a palavra *home*, com toda força do sentido desea palavra devem-se possuir não sómente fortes ligações de familia, como tambem uma localidade fixa e cheia de reminiscencias agradaveis."

"E' esta convicção que forma a força moral no nosso movimento a favor de um *home*.

A geração futura que pronuncia a palavra *home* formará uma raça differente da raça irrequieta e volúvel de hoje."

OS CONTOS DA "REVISTA"

HERVAGAUT OU LUIZ XVII

Tudo o que concerne á historia ou a lenda de Luiz XVII, desperta naturalmente, no leitor, apaixonada curiosidade. Os adeptos da causa real não crêm que o desventurado Principe tenha morrido na prisão do Temple; acolheram, por isso, as mais romanescas versões que lhes permittiam acreditar na sobrevivencia do filho de Luiz XVI. A historia de Hervagault, se bem que pouco conhecida hoje, é, comtudo, uma das mais singulares. E' uma curiosa pagina deste ponto de historia que aqui vamos traduzir do escriptor Lenôtre.

Em Meaux, durante a feira de Maio de 1798, uma vendeira, vinda de Paris para a festa, notou que andava em redor de sua barraca uma criança vestindo, sobre uma camisa de musselina, um jaleco e calças de nankim raiado; apparentava elle ter cerca de treze annos, traços finos, cabellos louros, olhos azues e percebia-se-lhe sobre o labio superior o signal de uma leve cicatriz.

Suas maneiras, além do mais, pareciam distinctas, sua postura era discreta, e, comquanto desse a impressão de ser um pouco tímido e assustadigo era desembaraçado e de porte interessante.

A senhora La Ravine—era este o nome da vendeira—convidou o rapazinho a fazer a sua escolha na estalagem; mas o menino recusou-se a isso, allegando não ter dinheiro.

Admirava-se ella de que um joven de modos tão elegantes não tivesse com que comprar uma amendoa coberta ou um pão de especie. O menino, ganhando subitamente confiança, contou que era estranho naquella cidade; seus paes, ricos fazendeiros do Marne, habitavam as cercanias de Damery; elle voltava em gozo de férias á casa paterna; mas, em Paris, tinham-lhe, por desgraça, roubado sua bolsa e seus papeis, e restava-lhe apenas um

escudo de seis libras para continuar a pé sua viagem.

Desta pequena quantia, devia elle ainda tirar alguns francos para desinteressar o alberguista da *Hospedaria do Delphim*, onde elle havia tomado uma refeição, e que, na falta de passa-porte, recusava albergal-o por aquella noite.

O pequeno viajante não sabia,

nheiro que se comprometteu a retribuir logo que chegasse á casa dos paes. e, á tarde, depois de se haver despedido da caridosa estrangeira, dirigiu-se para o escriptorio da posta e garantiu para si um logar na carruagem publica.

Nessa mesma tarde elle deixava Meaux.

Sem avisar, entretanto, a se-



pois, onde havia de dormir e era apprehensão de uma noite passada ao relento, que o tornava tão melancolico.

A senhora de La Ravine tinha bom coração: offereceu, portanto, a hospitalidade de sua barraca e elle acceitou sem muita instancia. No dia seguinte, accordado ao raiar da alva, fallava elle em se pôr a caminho; mas a boa senhora, enternecida, aconselhou-o a tomar a diligencia que fazia o serviço de Paris a Strasburgo e, que, em algumas horas, o deixaria á entrada de Port-à-Brisson, de onde poderia elle facilmente ganhar Damery. Deu-lhe ella para esse effeito quatro luizes, a titulo de emprestimo: o rapaz agradeceu muito, acceitou o di-

nhora La Ravine, tinha elle comprado passagem não para Port-à-Brisson, mas para Strasburgo.

Ao dia immediato, quando a diligencia que o conduzia, depois de haver atravessado Damery, chegou a Châlons, o menino estava novamente quasi sem dinheiro: o preço da viagem tinha absorvido quasi totalmente os quatro luizes que lhe dera a estrangeira.

Todavia, como inda lhe restavam algumas moedas, elle jantou sem nada dizer ao chefe da posta, e, terminada a refeição, retomou o seu logar na viatura que seguindo pela rua Saint-Croix e passando sob a porta outr'ora Dauphine, lançou-se pela estrada de Strasburgo.

(Continúa).

VÔO SEM MOTOR

Em uma gigantesca duna nos bancos de North-Caroline, Osville Wright, o conhecido aviador, executou uma interessantíssima experiência.

Em um biplano sem motor conseguiu elle, aproveitando uma ventania de cinco milhas que soprava, subir a uma altura de 80 metros e ali manter-se durante dez minutos e um segundo, enquanto o seu irmão Lorin Wright e o Sr. Alexandre Ogiloie, aviador inglez, de relógio em punho, observavam o tempo.

Wright acredita que no futuro o homem terá desenvolvido a custo de lidar com os aeroplanos um tal senso de passaro que lhe permita localizar as correntes de ar e se aproveitar dellas.

Esse alto estadio de aviação não chegará de um momento para outro, mas se desenvolverá evolutivamente.



Uma prova pedestre em 6.000 metros — O Sr. Miguel Vasconcellos, vencedor dessa corrida, realisada domingo na Avenida Beira Mar e promovida pelo Centro de Cultura Physica.

DR. JORGE SANTOS — Medico pela Universidade de Paris Clinica geral. Especialidade: **doenças das senhoras, partos e massagens.** Tratamento especial de corrimentos, inflamações, desvios, tumores do utero, doenças da bexiga, rins, ovarios e trompas, nemorrhagias, esterilidade, etc, pelos processos mais modernos, sem dor e evitando as operações na maioria dos casos. Gymnastica medica e orthopedia. Residencia, praia de Botafogo n. 290; telephone 176 — Sul; consultorio: rua do Hospicio n. 49, das 2 às 4 horas; telephone 2.866. Aos sabbados gratis aos pobres.



Tratamento radical da Obesidade e Diabetes
Emmagrecimento exagerado e toda molestia da nutrição

DR. LUIZ OSCAR ROMERO

Medico pela Faculdade do Rio, Lima e Paris

Especialista em molestias tropicaes ou sejam as adquiridas no sertão. Trata a thabes, asthma, prisão de ventre e muitas molestias chronicas pela **Reflexotherapie**. — AVENIDA RIO BRANCO N. 146, (Por cima do Café Jeremias)

Consultas das 2 às 5 horas da tarde

SEM DOR!



SEM DOR!

Obturações e extracções de dentes
SEM DOR ABSOLUTAMENTE

O DR. DROSSNER annuncia que já se acha instalado seu novô gabinete dentario, aparelhado a um systema moderno que grande successo alcançou nos Estados Unidos e na cidade de Paris. Este systema applicado ás obturações o extracções de dentes faz desaparecer toda e qualquer dor. Além do trabalho ser perfeitissimo, os preços são susceptiveis ao alcance de todos. Se quereis tratar de vossos dentes deveis consultar ao Dr. A. DROSSNER. — Avenida Rio Branco n. 146, 1º andar.

SEM DOR!

O TOCADOR DE GUITARRA

Derreado, o velho sentara-se para alli, sobre uma pedra, collocando nos joelhos a sua fiel e preciosa guitarra.

E nem se movia, todo cauteloso, cheio de precauções, como faria uma mãe carinhosa com um filho adormecido. Inclinado para o instrumento, contemplava a sua madeira pallida, e comprimia os seus dedos nodosos sobre as seis cordas um pouco largas e as chaves, outr'ora negras, mas que o uso fizera desmaiar.

Como era o primeiro domingo bello, naquella mez de Abril, Jacome não se sentia muito infeliz. Alegrava-o a idéa de se ter ido o inverno com todos os seus rigores. O espectáculo e o aroma de uma linda rosa, toda florida, fazia-o sorrir.

De espaço a espaço, relanceava a vista pelas primeiras casas da aldeia, onde toda a gente viria escutar as suas canções e pagar as suas pantomimas.

O seu velho rosto de polichinello illuminou-se de um grande contentamento. Bem sabia que os homens são muito mais generosos quando a primavera começa ostentando o seu lindo céu azul.

E uma mesma generosidade vaga sentia em si; certamente não seria lançada pelas mãos fóra grande porção de moedas que a manifestaria, mas denunciava-a o mais alegremente possível naquelles seus olhares vivos, calorosos, que lhe valeram a alcunha de "Napolitano".

Mas Jacome era simplesmente piemontez. Ha annos e annos que elle percorria os paizes do Norte, sem ter podido esgotar a provisão de sol e de alegria

que distribuia, por quantias minimas, aos desgraçados que nunca conheceram os paizes do Sul.

Refeito da fadiga, ergueu-se e poz-se em marcha, a caminho da povoação.

*

Logo na primeira casa, fez uma boa colheita. Duas mulheres entretinham-se a ver correr por entre ellas um garotito. Detiveram-se ao ver o velho musico e pediram-lhe uma aria para a criancinha dansar. Jacome, o coração a transbordar de alegria, tocou e cantou a sua mais bella tarantella. A criança ria, saltando alegremente. As mulheres batiam as palmas; e deram tres sous ao cantador, que se afastou, não sem ter tirado o seu chapéo fatigado.

— Bella região e boa jornada, pensou Jacome.

E avançava sem desconfiança, quando, bruscamente, ouviu um ruido roufenho e mecanico que despedaçava o bello silencio.

Giacomo parou attento.

Tinha reconhecido o seu maior inimigo: o phonographo. Era o phonographo.

Até naquella aldeola, perdida no fundo dos campos, o seu adversario, poderoso e malicioso, vinha subjugal-o, vencel-o.

Em todos os cafés e em todas os albergues onde havia um phonographo, não se queria mais ouvir a encantadora guitarra.

Aqui ainda, como em tantas outras partes, expulsariam Jacome sem querer ouvil-o, zombando delle.

O velho cantador deixou descansar um pouco o seu coração abalado. Depois quiz ter uma esperança, dizendo de si para si que talvez aquelle phonographo não pertencesse ao taberneiro, mais a algum particular.



Alunos do segundo anno da Faculdade Livre de Direito



REVISTA DA SEMANA

Porém, quando chegou á praça, aproximou-se da taberna e viu no fundo da sala a caixa de onde saía o cantar infernal. Os bebedores ouviam, entusiasmados, aquella musica sem musico; Jacome teve vontade de chorar.

Esperou que terminasse o trecho. Depois, com uma coragem que sabia inutil, entrou e offereceu-se por sua vez para cantar. Quasi lhe não ligaram importância, e as poucas pessoas que, em volta delle se juntaram, ao vê-lo entrar, retiraram-se logo.



Grupo de alumnos do terceiro anno da mesma Faculdade



Grupo de graduandos da Faculdade Livre de Direito, no anno proximo passado

que o taberneiro annunciou o novo disco, cantado pelo mais celebre dos tenores italianos.

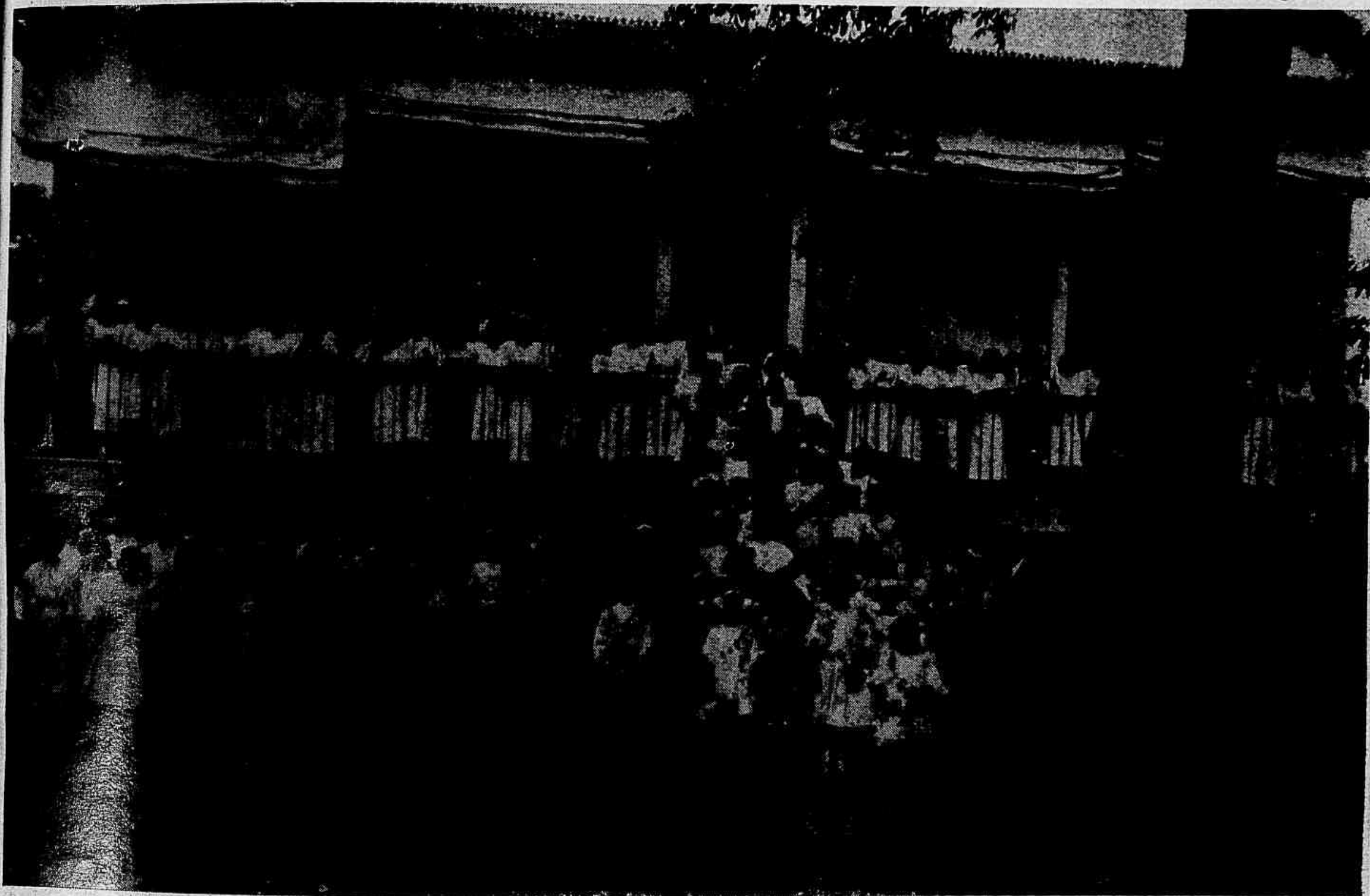
Jacome não insistiu e afastou-se. Em breve atravessou a povoação e encontrou os campos, o espaço, o silencio. Mas ouvia sempre, no fundo dos seus ouvidos, a voz do phonographo que o havia expulso.

Que iria fazer ? Qual o seu futuro ?

Não era já desde aquelle dia que fugia diante do conquistador. Lembrava-se do primeiro phonographo que ouviu uma tarde, num arrabalde de Paris. A principio aquillo divertia-o e achava gra-

ironicamente a seus ouvidos. E quando elle se apresentava, acolhiam-no com zombarias. Abatido, desgraçado, perdera toda a serenidade. Percebia que andava fazendo uma figura tristissima e revoltava-se contra a sua vergonha e a sua timidez.

A noite cahia docemente. O pobre musico sentia-se vencido. Marchava na campina azulada, tendo contra o peito a guitarra, como companheira de desgraça. Tinha fome e sede, mas no bolso apenas havia umas miseraveis moedas. Estava fatigado, lamentavelmente triste. Pensava no seu passado florescente. Revia o tempo feliz em que tirara lu-



Grupo de alumnos e alumnas das escolas do 9.º districto e o inspector escolar Dr. Fabio Luz

ga em imitar diante do apparelho o seu nazalado e tremido. Aquella imitação deu-lhe algum dinheiro, mas dali a pouco o publico revoltava-se contra elle por andar ridicularizando um divertimento tão interessante.

Prudentemente, Jacome abandonou o arrabalde entrando num bairro da cidade. Mas até alli o phonographo o perseguiu e tratou de fugir da cidade, convencido ingenuamente de que o phonographo não existia nas aldeias. Mas o inimigo diante do qual fugia tinha-o precedido agora. Jacome não se sentia com forças e, continuando embora a andar, ambicionava não encontrar mais povoações nem casas. No entanto, quando avistou o burgo que o levava á estrada, tentou mais uma vez a sorte e procurou os cafés.

Tres vezes foi recebido com a mesma sem-ceremonia; tres vezes, como a tormenta de um guerreiro vencedor, o pavilhão do phonographo resouu

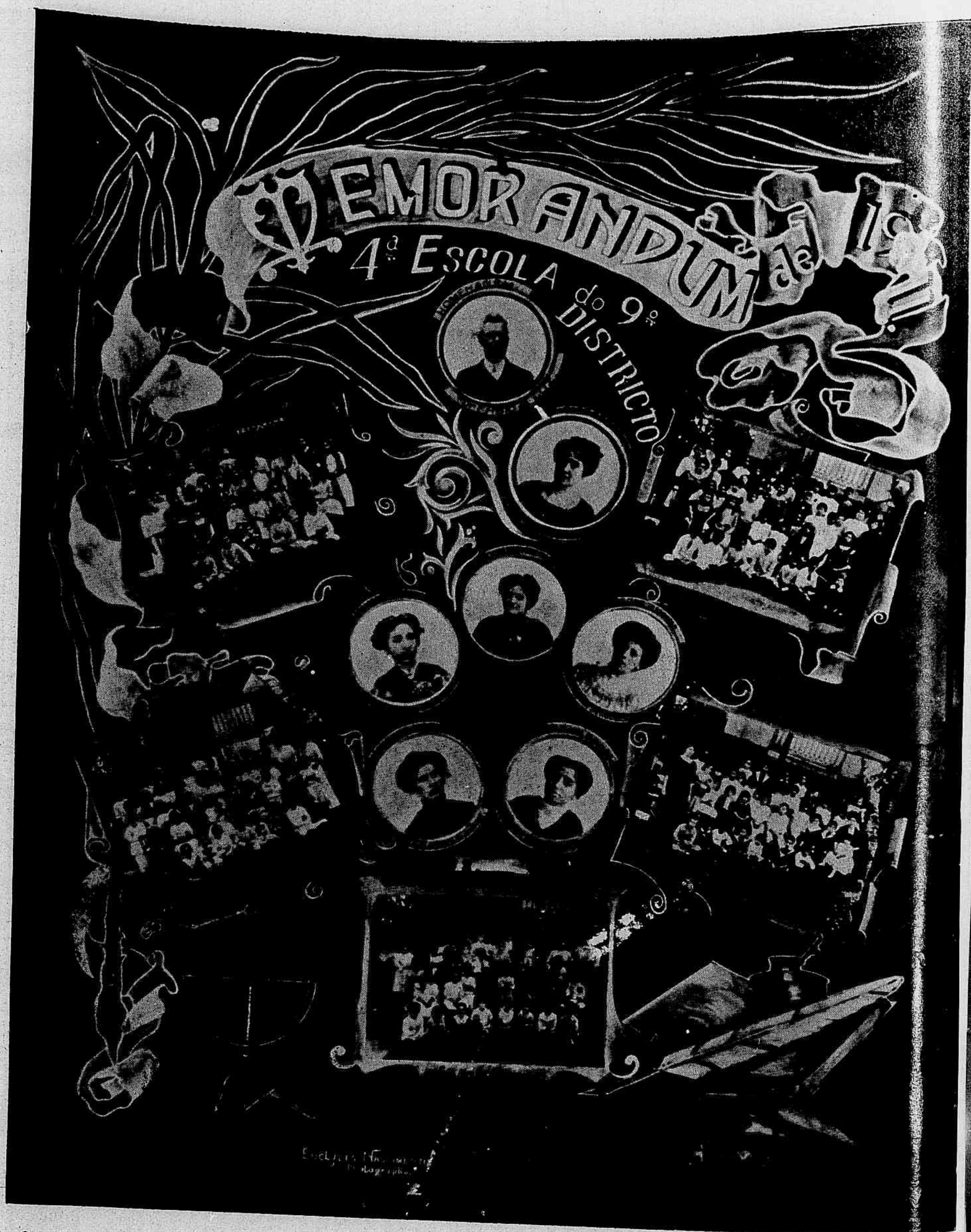
cros quasi fabulosos. E, recuando pelos annos idos, encontrava na memoria, como thesouros crueis, os bellos paizes que atravessara, para chegar áquella situação, numa terra abandonada, até pobre de sol.

Reconhecia muito longe, envolta em nuvens, a Italia e a cidade em que nascera.

Com que vontade para lá voltaria, se não estivesse tão velho ! Mas aquella idade !... Agora teria de morrer naquella paiz deserto, corrido por todos, como um cão. E não morrer de velhice, mas morrer de fome.

Jacome entrou de novo na aldeia, onde áquella hora se realizava um baile. Approximou-se, espreitou por uma das janellas abertas, e viu, substituindo a orchestra, um gigantesco, um poderoso e terrivel phonographo...

Nem entrou, e fugiu da povoação. Agora tudo



Quadro offerecido pelas alumnas da 4.ª escola feminina do 9.º Districto, a professora D. Antonia Nery Costa, no dia de seu anniversario

tinha terminado. Poz-se a chorar. E chorava sem parar, de fronte curvada para a terra. As vozes implacaveis de mil phonographos resoavam-lhe nos ouvidos e, como flores de pesadello, os grandes pavilhões multicores perseguiram-no.

Em meio daquelles ruidos e daquellas visões,

não ouviu a sirene e o arfar de um automovel que corria sobre elle. A branca luz do pharol cegou-o. Num momento, lembrou-se de saltar para o lado, mas depois pensou: "Para que?", e collocando contra o coração, num gesto de amor, a sua guitarra, deixou-se esmagar com ella.

As poeiras e os microbios

HA muitos annos já que os hygienistas se encontram perfeitamente de accordo sobre a inconveniencia de se varrerem casa a secco. Deve, portanto, ser banida a vassoura, apparecendo em sua substituição o systema da limpeza por meio de pannos humidos.

Num interessante estudo agora publicado sobre as poeiras e os microbios do ar, M. M. Sartory e Marc Langlais põem de novo a questão em fóco, trazendo a publico uma longa série de curio-

rias. Passados cinco minutos de varredela "precedida de uma rega abundante com agua addicionada de um antiseptico", 9.000 bacterias. Passados dez minutos, 10.500 bacterias.

Baixar de 135.000 para 10.500 o numero de bacterias, segundo o processo de limpeza adoptado já é na verdade animador, mas procedendo a uma série de experiencias do mesmo genero na escada de um predio antigo, escada mal illuminada e tambem rica em escaninho M. M. A. Sartory e Marc Langlais descobriram que uma lavagem, precedida de uma rega addicionada de qualquer solução an-



Festa campestre, organizada pelo Sr. Adelino, conhecido negociante desta praça, no Sacco de S. Francisco

sas observações sobre o numero de germens que podem ser levantados segundo o processo de limpeza.

A primeira das experiencias citadas, realizou-se na cozinha de uma casa modelo, em que innegavelmente se observavam os preceitos do asseio: cozinha de cerca de 150 metros cubicos, tendo o soalho de mosaico.

1.º ensaio — Antes de varrer, contavam-se 2.400 bacterias por metro cubico de ar. Após cinco minutos de varredela a secco, 75.000 bacterias. Após dez minutos, 135.000 bacterias.

2.º ensaio — Antes de varrer, 1.800 bacterias. Após cinco minutos de varredela, sendo o chão previamente "regado", 83.000 bacterias. Passados dez minutos, 37.000 bacterias.

3.º ensaio — Antes de varrer, 2.400 bacterias. Depois de cinco minutos de varredela, 16.000 bacterias. Passados dez minutos, 28.000 bacterias.

4.º ensaio — Antes de varrer, 2.600 bacte-

tiseptica, fazia baixar a 3.800 por metro cubico o numero de bacterias que era de 410.000, dez minutos depois da mesma escada ter sido varrida a secco.

Os dous sabios queixam-se amargamente da moda, que por emquanto persiste, de varrer "a secco", os "trottoirs" de Paris.

A poeira assim levantada — dizem elles — e que fórma nuvens que chegam a attingir a altura de um quinto andar entra por todas as casas, emporcalha-as, infecta-as, cobre moveis e tapetes; e lá por volta das sete ou oito horas — quando não é ainda mais tarde, visto serem pouco acatados os regulamentos de policia — eil-a, que volta a cahir nas costas dos transeuntes. E esta poeira, que a rua fornece "por grosso" ás habitações, das quatro para as seis horas da manhã, é lhes fielmente restituída por "miudo", ás horas da limpeza domestica. E' um processo lamentavel que de certo nem poderá contar com a defesa dos mais irreductiveis partidarios do livre cambismo.



Festa offerecida pelo Dr. Abilio Borges na ilha do Governador, por ocasião de seu anniversario

CUSPINDO UMA BALA

Este caso merece ser noticiado pela sua curiosa originalidade.

José Maria Jégoux, residente em Sourn, foi ha vinte e seis annos militar, fazendo parte da guarnição de Dunkerque.

Um dia, nuns exercicios de tiro, o ricochete de uma bala attingiu Jégoux na tempora esquerda. Como o lamentavel desastre se deu em serviço, Jégoux foi reformado, pois não conseguiram os medicos, apezar de todos os seus esforços, extrahir-lhe a bala, e muito menos cural-o. Voltou para a terra, e até hoje tem soffrido constantemente de fortissimas dôres de cabeça, produzidas pela terrivel bala.

Mas o peor que o ferimento lhe causou foi não lhe permittir fallar facilmente. Jégoux soffria tambem de grande fraqueza de vista e muitas dores nevralgicas do lado esquerdo da face.

Nos ultimos tempos, porém, sentiu-se melhor, fallava perfeitamente, passaram-lhe as dores, podia trabalhar. Uma espessura que tinha na gengiva e a que já ha muito se tinha habituado, começou a fazer-lhe certa impressão. Ora ha dias foi dar um



O conhecido educador Dr. J. Abilio Borges, na ilha do Governador, em companhia de diversos amigos.

passeio e de repente sentiu cahir-lhe sobre a lingua um objecto pesado.

Tirou então da bocca, uma massa metalica, enegrecida e informe, que era apenas a famosa bala recebida no exercicio de tiro. Ha vinte e seis annos que a tinha alojada na cabeça. Agora, curado, Jégoux guarda-a como uma curiosa reliquia.

A SEGUNDA MOCIDADE

Tem havido exemplos de grande actividade intellectual, não obstante a idade.

Verdi, depois dos oitenta annos, produziu o "Falstaff", cujos ensaios foi pessoalmente dirigir a Paris.

O Barão Waldeck, archeologo, pintor e gravador, que morreu com mais de cem annos, acompanhou a expedição de Bonaparte ao Egypto. Dizia elle com graça: "Bem sei que já devia ter morrido ha muito; mas tenho ainda tanto que fazer que não tenho tido tempo de morrer."



Os interessantes filhos do Dr. Oliveira de Menezes, ao entrar para o collegio



Mlle. Helena Rapini, a primeira aviadora que veio ao Brasil e á America do Sul

Chevreul, outro centenario, publicou aos 95 annos um livro scientifico.

Fontenelle, que viveu um seculo, foi sempre o mais amavel e o mais galante dos cavaqueadores.

A uma joven que deixára cair uma luva que elle não pôde levantar, com a presteza que desejava, disse: "Que pena, minha formosa senhora, que já não tenha os meus oitenta annos!"

Academico, festejou o 50° anniversario da sua entrada na Academia e depois o 60° e o 70°

Uma ingleza foi de proposito a Paris para o vêr. Tinha elle então noventa e nove annos.

A ingleza falava mal o francez; atraigoad talvez pelo insufficiente conhecimento da lingua, disse, sem preambulos, que receava não chegar a tempo de ser recebida por elle.

— Não precisava de se apressar, minha senhora; eu não commetteria a indelicadeza de não esperar por uma dama tão gentil.

A maior lucidez de Fontenelle revela-se precisamente nos seus ultimos trabalhos.

São consoladores estes rebentos da vida intellectual, sob o ponto de vista da possivel duração das faculdades.

Em muitos casos pôde dizer-se afontamente: "logar aos velhos!"



Do Natal

ao Anno Bom



*Presepe de pastorinhas
da rua S. Leopoldo
e os seus grupos ca-
racterísticos.*





SUPPLEMENTO PARA CRIANÇAS

A REVISTA DA SEMANA publica gratuitamente neste supplemento os retratos de todos os amiguinhos do João Paulino que nol-os queiram enviar, responsabilizando-nos também pela restituição das photographias

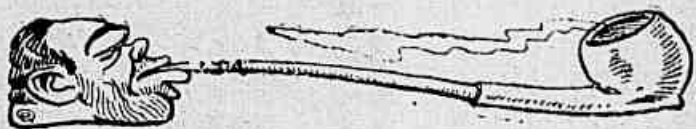


As aventuras de Pedrinho

Pedrinho era muito mentiroso. Seus paes procuraram, mas em vão, corrigil-o deste feio defeito. Nada deu resultado: privação de sobremesa ou de passeio, de tudo ria-se. Além disso, era muito maligno.

Na platéa do Theatro Lyrico:
Um espectador ouve uma opera com o rosto radiante de alegria. O seu visinho repara que elle tem as orelhas tapadas com algodão em rama.
— Está doente dos ouvidos?
— Nada, não senhor, é para não ouvir a musica.

— Meu senhor.
— Que pretende?
— Venho pedir-lhe a mão de sua filha.
— A direita ou a esquerda?
— As duas.
— Não póde ser, é... maneta.



A' sahida de um baile.

Um convidado procura o seu sobretudo.

— Não é este, diz elle ao

guarda, o meu é forrado de seda, e é novo.

— Ah! é novo? respondeu o guarda, com um sorriso indulgente: então é escusado procural-o; os sobretudos novos acabaram-se á uma hora menos dez.

A cunhada de um thesoureiro de loterias em...comprou um bilhete em que lhe coube por sorte o premio grande.

Sabendo do facto diz um amigo para outro:

— Foi acaso por força!

— Ou força do acaso?

— Doutor, como vae o seu amigo Janjão?

— Jantou commigo ha oito dias, adoeceu no dia immediato, tratei-o, morreu, abri-o esta manhã e hei de embalsamal-o esta tarde.

Como se obtem um sobretudo novo de graça



1 — Para se pregar uma peça como esta que vamos contar, é preciso habitar-se perto da fronteira.

— Teu sobretudo está muito gasto, Victor, disse a este um dos seus primos.

— Eu sei. Vou arranjar um por meio da aduana.



2 — Por me'o de quem? pergunta o outro espantado.

— Pela aduana. Olha! Eu descosturo este sobretudo. Introduzo nelle trapos, frangalhos, linho esburacado, etc., e digo ao primeiro transeunte que apparecer:

— Es precisamente um aquitinha a bondade de levar este vestuario a meu irmão tecelão no



Uruguay! O transeunte toma o sobretudo e vae á fronteira.

Eu o sigo.

Ahi um guarda aduaneiro o prende:

— Tem alguma cousa a declarar?

— Não.

— Oh! oh! e isto? pergunta o funcionario.



NOSSOS CONCURSOS

Resultado do Concurso Semanal n. 362.

Enviaram soluções os seguintes amiguinhos:

1 Octavio Victor do Espirito Santo; 2 Victor do Espirito Santo; 3 João Ribeiro; 4 Raul Henrique Velludo Vieira; 5 Vardyr de Almeida; 6 Hilda Pinto Vieira; 7 Hilda Guimarães; 8 Waldemar Carvalheira; 9 Ezilda de Barro Barreto; 10 Maria Torres.

11 Luiza Ribeiro; 12 Elza Souza; 13 Helena Saldanha Alcalá; 14 Jandyr Rocha Pinto; 15 Deolinda Ribeiro; 16 Francisco J. Affonso da Costa; 17 Adelina V. Guimarães; 18 Arnaldo Pereira e Silva; 19 Armando Coelho Matheus; 20 Hilda Rosa da Costa.

21 Antonio Castro da Veiga Pinto; 22 Vicente Fernando Junior; 23 José Semião de Avellar.

Feito o sorteio coube:

O primeiro premio á menina Ezilda de Barros Barreto, residente á rua do Tunnel Nove n. 36.

O segundo premio á menina Maria Torres, residente á rua Francisco Eugenio n. 337.

O terceiro premio ao menino José Simeão de Avellar, residente á rua Faria n. 37, Estacio de Sá.

Os premiados, desta capital, podem vir a esta redacção (Avenida Rio Branco ns. 110 e 112) para receber seus premios, que lhes serão entregues mediante recibo assignado pelo proprio premiado.

Solução do Concurso Semanal n. 363:

FRANÇA

No proximo numero daremos a solução, a lista dos decifradores e o resultado do sorteio, com a distribuição de um premio de DEZ MIL RÉIS e dous premios de CINCO MIL RÉIS.

PREMIOS NOVOS

79º GRANDE CONCURSO MENSAL — 4 "coupons" do mez de Janeiro.

1º PREMIO — 10\$000

2º PREMIO — 10\$000

Os amiguinhos devem juntar os 4 "coupons" que têm os dizeres **Concurso Mensal** e remetel-os até o dia 10 de Fevereiro proximo.

79 Concurso Mensal

11 de Janeiro de 1913

2 Revista da Semana

CONCURSO SEMANAL n. 364

— Como se chama uma fructa

muito saborosa, cujo nome é uma parte do casaco?

As soluções serão recb'das até sexta-feira, 10 de Janeiro e será feito no sabbado, 11. o sorteio para a distribuição dos premios.

O 1º de DEZ MIL RÉIS

O 2º de CINCO MIL RÉIS

O 3º de CINCO MIL RÉIS

JOÃO PAULINO

Supplemento da
Revista da Semana

Avenida Rio Branco 110 e
112 — "Coupon" do Con-
curso Semanal n. 364

NOTA IMPORTANTE — As soluções devem trazer o "coupon" acima, a assignatura e residencia do leitorzinho, escriptas por sua propria mão e os premios só serão pagos mediante recibo tambem assignado pelo leitorzinho.

MAIS PREMIOS — A cada leitorzinho que nos trouxer soluções para os nossos concursos daremos gratuitamente uma entrada de primeira classe para o excellente

CINEMATOGRAHO PARIS
sito á Praça Tiradentes.

Este premio equivale a uma restituição mais do que triplicada do preço da "Revista da Semana", pois essa revista custa apenas 300 rs. e o cartão de entrada que damos aos decifradores de concursos, para o CINEMATOGRAHO PARIS vale 1\$000.

O PREMIO DA BELLEZA



1 — Era uma vez um pequeno urso, o menor talvez de toda a família dos ursos.

2 — Sua mãe que o amava loucamente, não cessava de admirá-lo, fazia-lhe todas as vontades não, lhe recusava nenhuma gulodice...

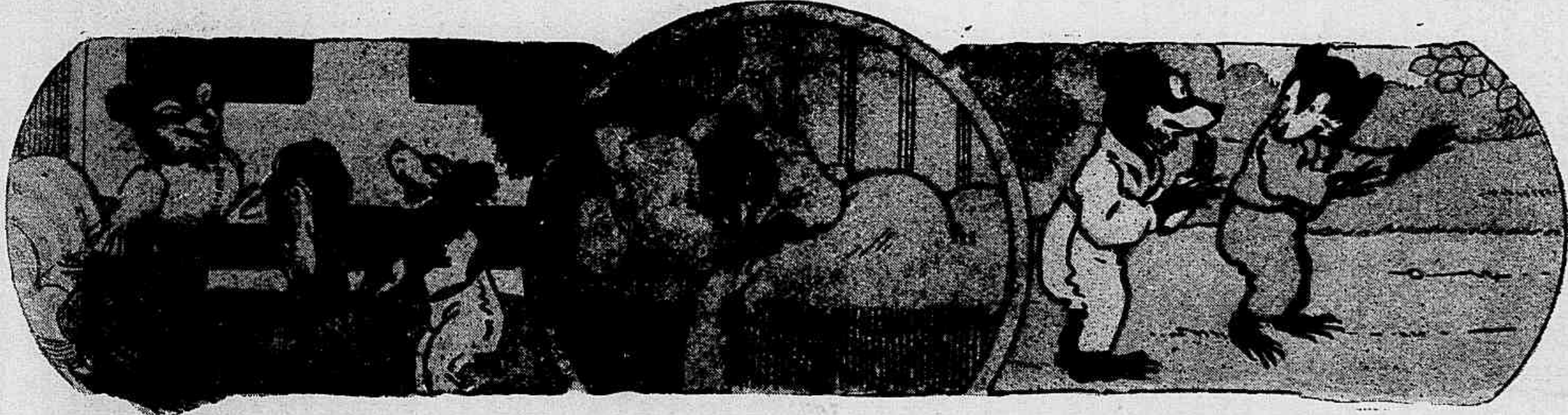
3 — ...tanto que a inclinação de Ursinho pela glotonice, desenvolveu-se rapidamente.



4 — Um dia mãe Ursa viu no jornal a noticia de um concurso de belleza que se ia realizar em Martimburgo, com generosas recompensas aos vencedores.

5 — "Certamente, disse ella ao marido, Ursinho terá o primeiro premio: elle é tão bello, tão pequenino! Dás licença para que elle concorra;"

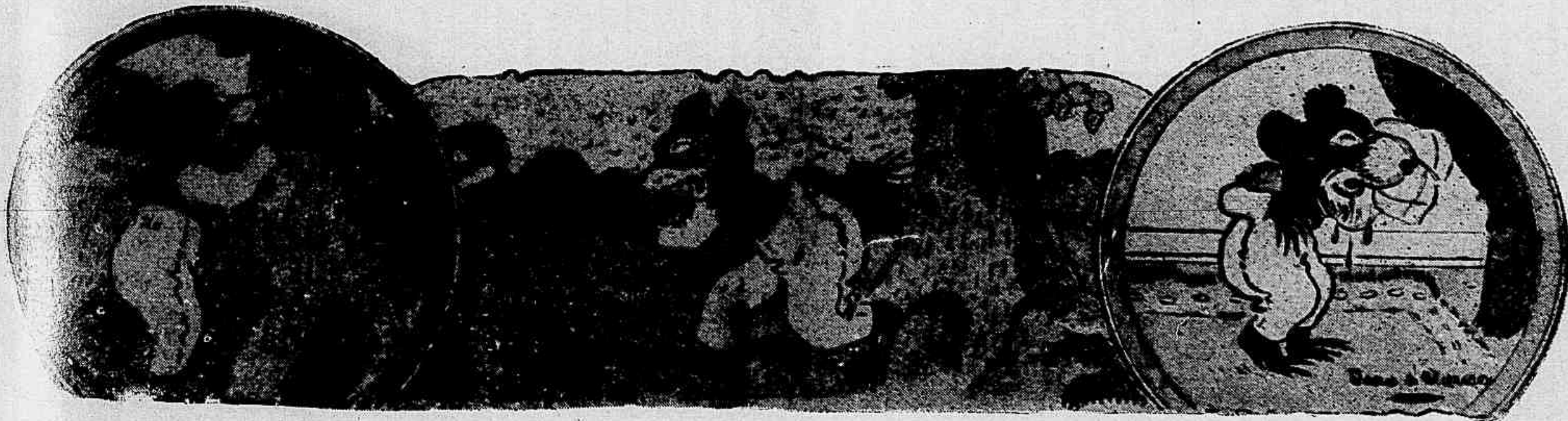
6 — Pae Urso deu autorização e logo a sua digna esposa se muniu de thesouras e agulhas e começou a talhar roupas sumptuosas para vestir Ursinho.



7 — Este não cabia em si de contentamento, admirando seus bellos trajes. Elle já saboreava antecipadamente o seu triumpho.

8 — Em sonho, elle se via aclamado pela multidão, recebendo uma corôa e uma bolsa cheia de dinheiro em ouro... Chegou, enfim, o dia do concurso.

9 — Na manhã desse dia, Ursinho encontrou-se com o seu amigo Tintin, tão guloso como elle. — Antes de te vestires vem commigo até esta arvore...



10 — ...neste buraco ha mel exquisito e delicioso. As abelhas ainda estão dormindo. Podemos nos regalar sem corrermos perigo.

11 — Se assim o disseram, melhor o fizeram. Mas as abelhas accordam, atiram-se sobre os dous gulosos e os retalham de ferruadas. Ursinho ficou muito doente, e...

12 — ...para cumulo de infelicidade não poudo tomar parte no concurso; seu focinho, inchado como uma cidra, o tornava grotesco e medonho,

OS CUMPRIMENTOS



1 — Clarinha, filha dos rendeiros do Conde de Mibemol, vai ver pela primeira vez os seus senhores. De sorte que seus paes lhe fazem muitas recommendações. — Seja, sobretudo, amavel! Faça muitos cumprimentos.

2 — A rapariga promette ser a amabilidade em pessoa. Demais, é ella a mais educada do lugar e não é tola.

Póde-se ter confiança nella. Seus paes a acompanham até á estação.

3 — E ella chega á casa soberba do Conde de Mibemol.

Os criados a interrogam e attendem. A Condessa deu ordem para fazê-a entrar immediatamente.



4 — Ella entra no salão, onde conversam dez ou doze pessoas. Como a temperatura ali é agradável, por causa dos aquecedores, Clarinha solta esta exclamação: — Oh! como está isto morno; parece que se está numa estrebria.

5 — Apresentam-lhe a condessinha que tem cinco annos e os cabellos louros e ruços. Clarinha sorri, dizendo:

— Ella tem cabellos muito bonitos, dir-se-ia que são como os de nossa vacca!

6 — Quanto ao rapaz que tem dez annos, ella lhe dirige um bello cumprimento:

— Elle tem uns ares de maligno. Até parece ou faz lembrar o asno de pae Dope, o qual é o mais maligno de toda a redondeza...

CARTA DE UMA TIA

E' encantador por certo receber-se uma missiva artisticamente escripta; mas toda carta agradará e dará boa impressão desde que obedeça ás seguintes condições:

1°—Ella será escripta, antes de tudo, com um grande cuidado da ordem.

Nada, com effeito, dá mais triste opinião da educação recebida do que uma carta escripta do pé para mão, conforme sahir da penna.

Taes cartas são, no emtanto, muito communs; nellas as linhas não têm margem e as paginas são muitas vezes escriptas em todos os sentidos.

2°—O papel será escolhido segundo a posição e a idade da pessoa a quem se escreve. Uma

menina póde escrever a uma amiguinha de sua idade em uma tira qualquer de papel; tal processo torna-se, porém, impertinente desde que se o empregue para com uma pessoa mais velha. Demais, é melhor em toda circumstancia, dar a lettra um talhe conveniente: isto denota sempre uma boa educação.

3°—Cruzar as linhas não é de boa polidez. Se o que se tem de escrever não terminar no fim de uma pagina, deve-se empregar outra folha e não escrever ás avessas das paginas já escriptas.

4°—Uma menina, escrevendo a outra, se tiver que se referir a uma terceira pessoa a quem deva respeito — mãe ou professora, por exemplo — havendo de evitar repetição deve empregar o pronome "ella" com E maiusculo, mesmo no correr da phrase.

Esta pequena particularidade mostrará que a autora conhece as regras do bom tom que regem a correspondencia.

O pronome "elle" não tem o mesmo tratamento; salvo se em comço de phrase, não terá as honras da maiuscula; o codigo mundano prescreve esta ligeira differença em homenagem á mulher.

5°—Entre amigas basta o pronome na assignatura da carta. Mas, se se escreve a pessoa de outro meio, é preciso assignar o nome por inteiro. Escrevendo a um fornecedor deve usar-se a inicial do prenome e todo o resto do nome por extenso.

6°—Logo que haja um borrão, espera-se que elle seque, depois raspa-se-o; se elle não desaparecer, recomeça-se a missiva.

O estylo por excellencia é o

DE CLARINHA



7 — Clarinha extasia-se diante do retrato de um antepassado:

— Oh! é elle! será mesmo? O coilete d'elle é como o do criado de feira de nossa aldeia!

8 — Entra a irmã da Condessa, que é corcunda, com um olho de vidro. Clarinha começa a pensar no que pode dizer de agradável. Por fim, seu rosto se illum'nou:

9 — E' vossa irmã? Ella não é nada bonita, mas tem um olho que brilha!

Ah! mas isso é um olho de vidro!

A irmã da Condessa ficou pasmada como todos os presentes.



10 — Emfim, como todos estes ditos faziam rir a uma gorda senhora Clarinha exclamou:

— Deixaram a porta aberta, por isso ella está fazendo muito barulho! E em seguida concerta:

11 — Não, é o riso desta mulher gorda. Oh! ella imita muito bem o ranger de uma porta!

Clarinha foi reconduzida até á porta da rua, onde os criados vieram despedi-la com ordem de nunca

12 — mais a receberem. Na fazenda, ella contou a seus paes a visita: — Fui tão amavel que todos ficaram assombrados! Oh! elles não passarão muito tempo sem me convidar outra vez!

“Sevigne”. Antes de conseguir, imital-o, cumpre escrever com muito assio. Para isto deve-se escrever sem muita pressa, deixando margens relativamente consideraveis em cima e em baixo.

seu freguez, observa polidamente:

— Se o senhor quer, emquanto procura o dinheiro, eu dou duas fumaças no charuto para o não deixar abagar!

E andam por ahi a dizer que ha cocheiros malereados.

trazendo na mão um pão de dez réis.

— Vamos a saber! exclama elle, partindo o pão em dous pedaços e offerecendo-os com um sorriso a seu companheiro. Qual queres? a aza ou a coxa?



Na vespera do Anno Novos dous “gavroches” de doze a treze annos, pararam diante do “mostrador” de um estabelecimento.

Os perús assados, os patos recheiados, etc., exhibiam as suas fórmulas succulentas.

Os pequenos devoraram com o olhar aquelle espectáculo fascinador. Um delles, subitamente, faz um signal ao outro, entra em uma padaria defronte e volta



Mentir e enganar é grande ruindade; ser tonto e illudido, grande desdita. Acreditar tudo é estupidez; nada acreditar seria imprudencia. A desconfiança prudente fará o homem pratico na sociedade. — Alexandre Herculanio.

Um individuo apeia-se de uma ruagem.

Tem um charuto acceso na mão e procura com a vista um ponto onde pousal-o para poder tirar a bolsa da algibeira. O coizeiro, notando o embaraço do

OS OVOS DE PASCHOA

I

OH! VOCES NÃO SABEM AINDA O QUE SÃO GALLINHAS!

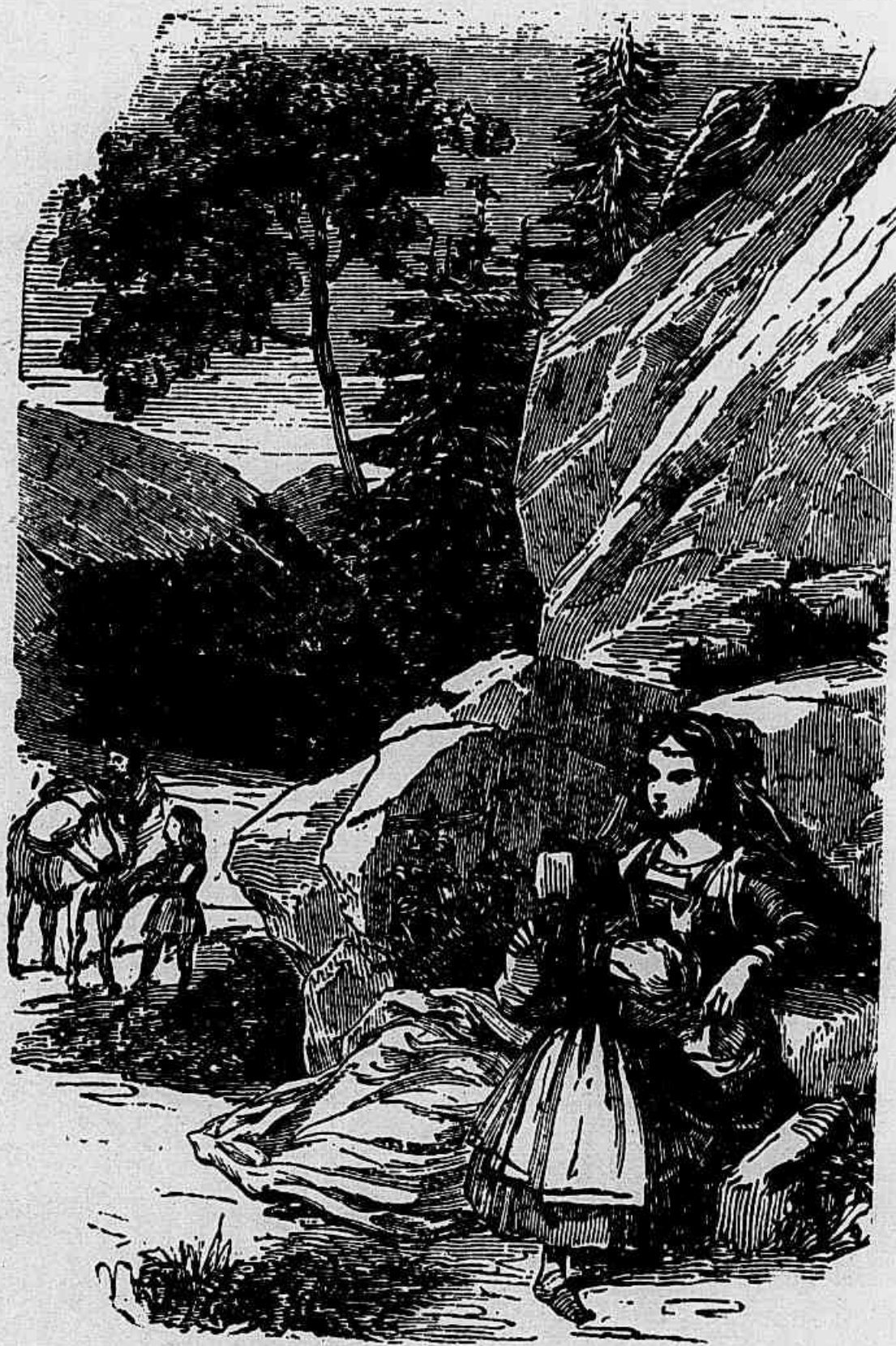
Em um pequeno valle rodeado de bosques e rochedos viviam ha muitos seculos alguns pobres carvoeiros. As suas choupanas estavam dispersas aqui e alli na encosta das collinas. A fortuna delles se compunham de algumas cerejeiras e ameixeiras ao redor de cada casa, um campo de trigo, um pouco de canhamo e de linho, uma vacca, e algumas cabras. Elles ganhavam muito pouca cousa a trabalhar para uma forja que havia perto dalli. Era gente muito pobre, mas gente feliz porque só contentava com o que tinha e nada mais. No meio de uma vida dura, sobria e laboriosa, gozavam de perfeita saude, e nessas humildes choupanas encontrava-se o que em vão se procuraria nos palacios: homens de mais de cem annos de idade, e gozando ainda das delicias da vida.

Um dia que a aveia começava a ficar amarella e que fazia grande calor, a filha de um carvoeiro que estava guardando as cabras, veio correndo para casa e disse aos seus parentes que tinham chegado ao valle diversas pessoas com umas maneiras espeziaes e que fallavam de um modo particular: era uma grande dama com seus dois filhos e um homem de idade que se bem ricamente vestido, parecia ser o criado. "Ah! meu Deus, disse a rapariga, essa gente está morrendo de fome e estão muito cansados: encontrei-os quando corria atraz de uma das cabras, e mostrei-lhes o caminho do valle. Vamos levar-lhes alguma cousa para comer e beber e veremos depois se podemos dar-lhes pousada por esta noite em nossa casa ou em casa de algum visinho." Os paes tomaram logo pão d'aveia, leite e queijo e acompanharam a filha.

Os retrangeiros tinham-se posto á sombra de um rochedo cheio de matto onde fazia muito fresco. A senhora estava sentada em uma pedra coberta de musgo; um véo de fina escumilha cobria-lhe o rosto; uma menina bella como o dia descansava no seu collo. O velho servidor descarregava a besta que vinha com elles; a outra criança, um bello menino, dava cardos ao animal que comia com avidez.

O carvoeiro e sua mulher approximaram-se respeitosamente da estrangeira, pois, á nobreza do seu todo, á dignidade de suas maneiras e principalmente por causa de seu vestido comprido, viram que era uma senhora de alto nascimento. "Repara, disse baixinho a carvoeira ao marido, repara só no grande collarinho tão finamente dobrado com preguinhas, e as finas rendas que cobrem a metade daquellas mãos delicadas; e os sapatos, Deus do céo, como elles são brancos como as flores de nossas cerejeiras, e estão enfeitados com flores de prata." O marido, porém, zangando-se com estas observações, disse-lhe: "Sempre com a tua tola vaidade! as roupas mais finas convém á gente de distincção; e com tudo isto a roupa não torna a gente melhor, e esses sapatos tão bonitos, tão delicados, não impediram que a pobre senhora ficasse com os pés arranhados mais de uma vez nos máos aminhos."

O carvoeiro e a sua mulher offereceram á nobre estrangeira leite, queijo e pão. Ella levantou o véo e elles admiraram o brilho do seu rosto, e a doçura dos seus traços. Depois de agradecer-lhes a bondade que tinham, ella tomou a tijella de leite e deu a beber á criança que tinha no collo. Lagrimas de ternura rolaram-lhe pela face corada, vendo a criança tomar a tijella com as duas mãozinhas, levou-a á bocca e beber com gosto. O menino chegou-se tambem, e sua terna mãe deu-lhe a beber. Em seguida ella repartiu o pão, e só depois que seus filhos ficaram satisfeitos é que cuidou em si.



Elles estavam sentados á sombra de um rochedo

Quanto ao velho servidor, regalou-se com um pedaço de pão com queijo. Emquanto tomavam esta pequena refeição, os habitantes do valle tinham vindo todos e faziam roda em volta da interessante familia.

Depois da refeição, o velho criado pediu á essa boa gente que arranjassem para a senhora um pequeno aposento por pouco tempo sómente: ella não lhes seria pesada, pagaria tudo com generosidade: "Ah! sim, accrescentou a senhora com voz doce e commovida, tenham dó de uma mãe infeliz e de seus dous filhos que um destino horrivel obrigou-os a deixar o solo paterno." Os habitantes se consultaram e trataram de soccorrer a estrangeira.

No alto do valle havia um riacho que sahia do meio dos rochedos, que elle branqueava com sua espuma, e não longe dalli fazia mover um moinho que parecia estar suspenso nos rochedos. O moleiro ti-

na construido do lado opposto uma casinha bem bonita; é verdade que era feita de madeira, como todas as cabanas da vizinhança, mas rodeada de grandes cerejeiras e edificada no meio de um jardim, fazia muito bonita vista. O moleiro offereceu-a á desconhecida. "A casinha que a senhora avista daqui, disse-lhe apontando-a com o dedo, eu lá a cedo com muito gosto: ella está novazinha e ainda ninguem morou nella; mandei fazel-a para eu mesmo habital-a quando passar o moinho para meu filho. Como a Providencia trouxe-a aqui a proposito! a casinha ficou acabada hontem e a senhora póde já ir para ella: dir-se-ia que a mandei fazer para a senhora. Ella ha de agradar-lhe."

A nobre senhora acceitou com reconhecimento este delicado offerecimento. Depois de descansar ainda mais um pouco, ella dirigiu-se para a sua nova morada, levando nos braços a filhinha; o velho segurava o menino pela mão, e o obsequioso moleiro conduzia a besta pelo freio.

A senhora achou a casa muito bonita: o moleiro já a tinha mobiliado com mesas, cadeiras, cama, enfim de tudo quanto se precisa numa casa. A senhora tinha trazido bellos tapetes, ricas cobertas e colchas; ella se preparou logo para passar a primeira noite em sua nova morada.

Antes, porém, de ir dormir, deu orações a Deus, que depois de tantos desgostos e ancias lhe tinha dado um asylo tão conveniente. "Quem havia de dizer, disse ella suspirando, que criada em palacios, eu havia de me considerar muito feliz um dia em ser acolhida em uma pobre cabana! Ah! como os grandes da terra têm o maior interesse em tratar bem seus inferiores! Como devem ser affaveis para com elles! Se a compaixão não os leva a isso, pelo menos a prudencia devia induzil-os a mais circumspecção; pois, quem póde saber o que o destino nos reserva?"

No dia seguinte de manhã, a boa senhora sahiu com os filhos a visitar a região hospitaleira; ella nada tinha podido vêr na vespera porque estava muito cansada. Logo que poz o pé fóra, um lindo espectáculo se apresentou diante dos olhos. As cabanas espalhadas dos carvoeiro formavam bonitos grupos, que pareciam sementeas aqui e alli no valle; o riacho corria entre ellas com a sua agua limpida como um fio de crystal; os rochedos cobertos de matto e de relva que as cabras comiam estavam allumiados pelos raios do sol nascente e apresentavam á vista um quadro que não podia ser reproduzido pelo mais habil pintor.

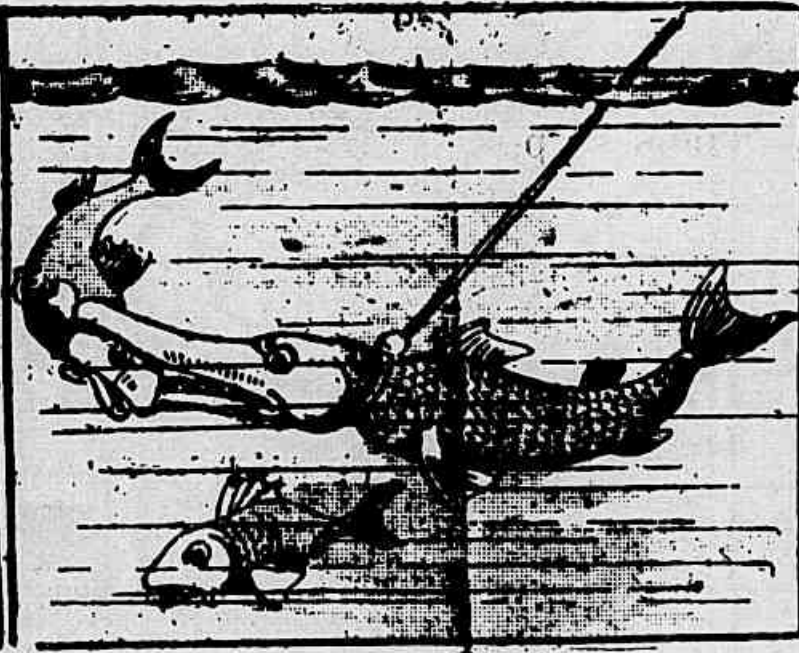
(Continúa).

As caçadas e pescarias do Sr. Friturão

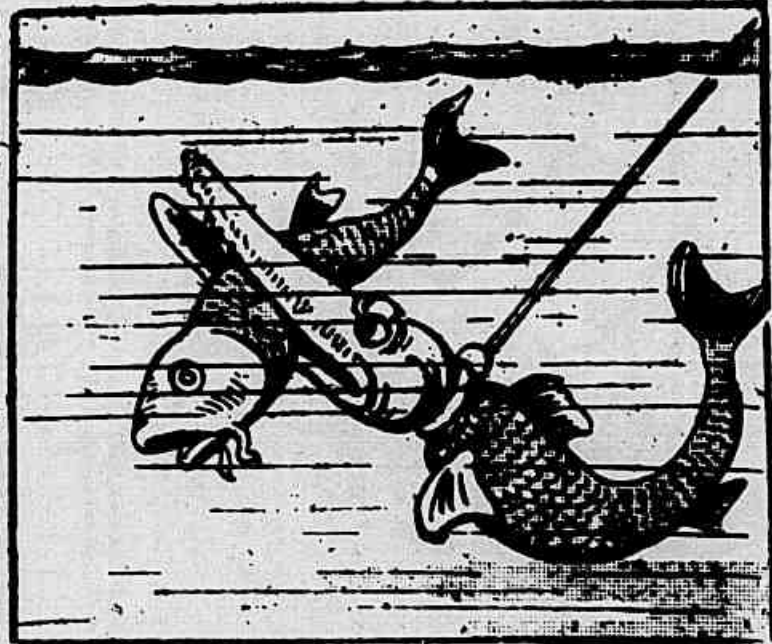
(Continuação)



7 — ...porque elle calçava 49, o que é, aliás, muito respeitavel. Cançou-se, porém, de pescar dessa maneira. Serviu-se, então, de outro meio para apanhar peixes. Domestizou um lucio, Zephyrino.



8 — Esta educação foi bastante difficil. Os lucios são peixes manhosos. E o Sr. Friturão teve que impedil-o de comer os peixes que o lucio prendendo-lhe em redor do corpo perto dos ouvidos...



9 — ...uma colleira ou fucineira munida de um nó correto que apertava no momento desejado. Isto impedia o lucio de comer o peixe que lhe cahisse na bocca. Mas se os lucios são vorazes...



10 — ...são também astuciosos, e este vingou-se um belo dia de seu senhor. Zephyrino não tentou mais apanhar peixes. Apanhou elle todos os destroços que encontrou no fundo do correjo...



11 — ...e trouxe-os ao seu senhor: uma caçarola, arame, um osso de quarto de carneiro, etc. Houve até um velho chapéo. Era difficil fazer uma peixada com tudo.



12 — isto! — Assim, o Sr. Friturão se vingou. Fez um lucio a escabeche!

E esse lucio foi Zephyrino: elle bem o mereceu!

A família do Pequeno Vão



II

(Continuação)

Alli, passeia-se na praia, procura-se abrigo nos buracos dos rochedos, toma-se banho, conversa-se de baixo dos pés de tamarindo. Aqui... Aqui...

De novo poz-se a chorar a senhora de Pequeno Vão, e o doutor Grande-Saber, cheio de bondade, começou a consolal-a:

— Vamos curar os nervos e a anemia, tenha confiança em mim. Coma um pouco de centeio de manhã, alguns grãos de trigo depois do meio-dia, depois venha tomar ar e sol na praça...

— Meu marido não ha de querer; aqui ha muitos Pardaes das Renas.

— Offereça ao senhor de Pequeno Vão os protestos da minha amizade e diga-lhe da minha parte que Deus nos creou irmãos. Até outra vista, minha senhora.

III

Dois dias mais tarde o senhor de Pequeno Vão entrou em casa com uns ares importantes e mysteriosos. Beijou respeitosamente a pata de sua mulher, depois chamou com voz forte:

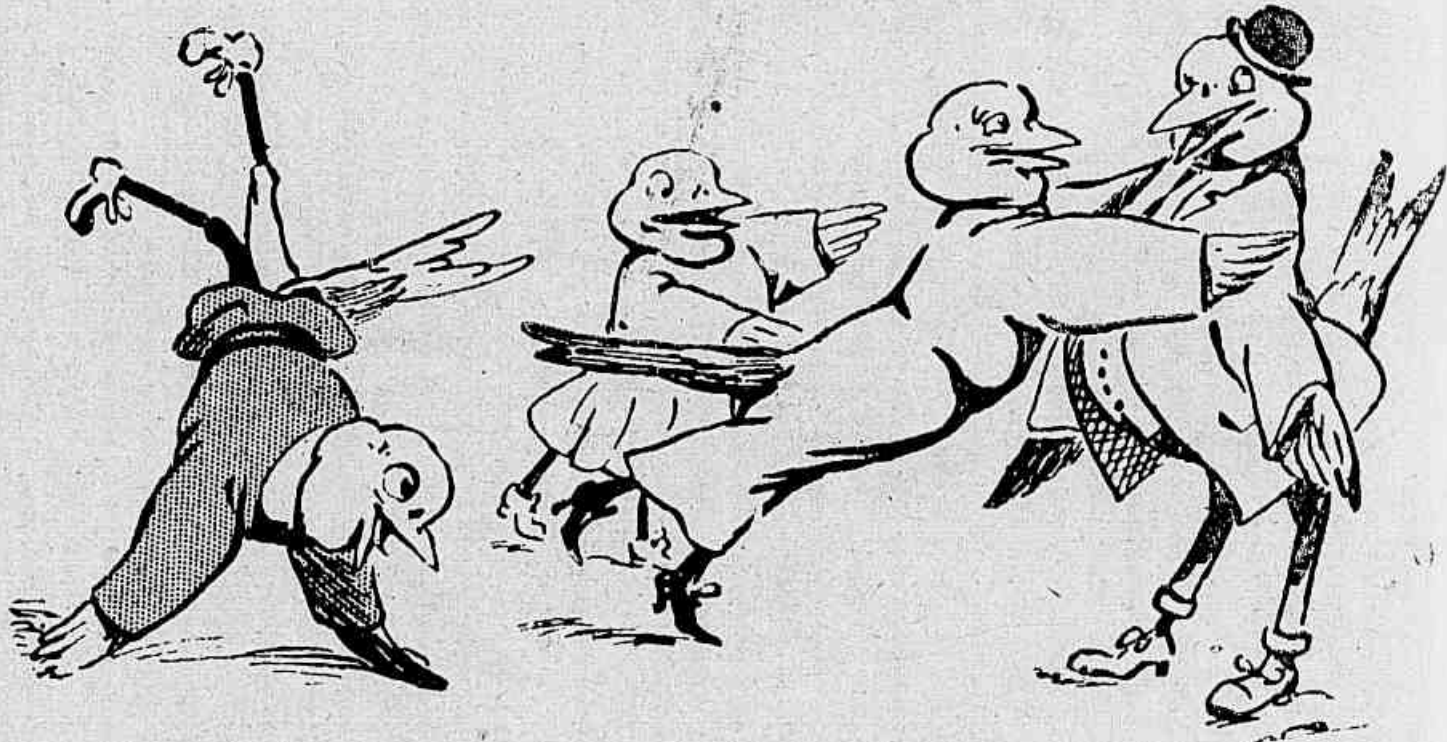
— Lourinha? Negrinho?

Elles vieram correndo e o pae os contemplou com orgulho.

Lourinha era magra e elegante; seu bico amarello e fino abriu-se para rir; seus olhos negros tinham uma expressão encantado-

ra; e com suas pennas leves como a paina se misturavam algumas pintas brancas de um effeito muito feliz.

Negrinho era parecido physicamente com seu pae: um passarinho gordo, pequeno, de patas curtas, bico largo, olhar audaz. Moralmente, elle era vivo, desordenado, mas tinha um coração de ouro e um espirito levado da bréca.



— Uma grrrande noticia! annunciou o senhor de Pequeno Vão. Vou leval-os todos a Biarritz.

De um salto a senhora de Pequeno Vão se atirou ao pescoço de seu marido.

Lourinha bateu as azas.

Negrinho fez uma pirueta que derrubou uma cadeira.

— Que bom! Quando é que nós partimos, papae?

— Amanhã, se tua mãe estiver prompta.

— Eu estarei prompta, meu

amigo. De que modo faremos a viagem? Biarritz é tão longe!

— Não se incomode, Rayonnette, já combinei tudo. Primeiro, eu alugo por dois mezes uma casa aos tres irmãos Pedrinho, homens de idade, muito cuidadosos. Depois, Pardal da Gare que conhecia muito meu pae, arranjou-me um passe colectivo para trem de luxo. Como você precisa de ar, nós nos accommodaremos sobre o vagon restaurante. Leve as suas ordens a Arripiada que nós vamos levar tambem... Mansamente... Mansamente, meninos... Não façam barulho.

Nenhum barulho! Ah! está bem! Negrinho tinha segurado Lourinha pela cintura e poz-se a arrastal-a, cantando com toda a força.... Depois, interrompendo-se:

— Diga-nos, papae, nós vamos aprear em Paris?

— De certo que não. Tua mãe ficaria fatigada para te acompanhar no teu desejo de ver tudo.

— Papae, mamãe, façam o favor: uma pequena demora em Paris... Só o necessario para irmos dar bom dia aos Pardaes das Tuherias, cujos retratos nós possuímos. Papae, mamãe, digam

que sim, nós os amaremos ainda mais.

— "Sim", mas com uma condição: desde agora vocês serão muito prudentes.

— Muito prudentes, papae. Está promettido.

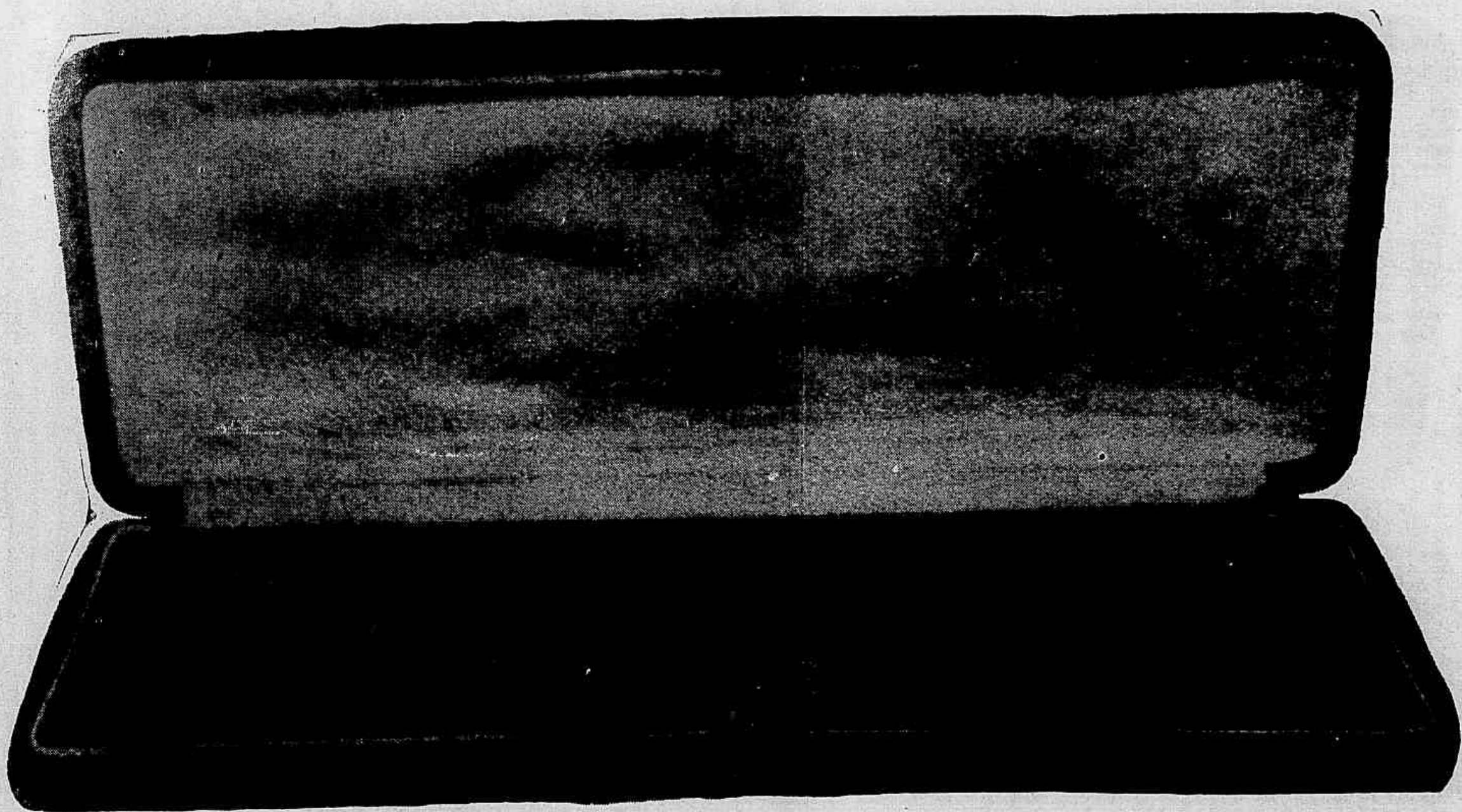
Dahi a um minuto, Lourinha e Negrinho gritavam ao mesmo tempo do quarto visinho:

— Papae, nós estamos deitados; assim nós deixamos o senhor tranquillo.

(Continua).

CLUBS da Galeria Artistica Portuguesa

105, AVENIDA RIO BRANCO, 105
RIO DE JANEIRO



MODELO 31 — Riquíssima pulseira de ouro de lei, com finas e verdadeiras turmalinas 90\$000, ou em 35 prestações semanaes de 3\$000, nos Clubs com direito á entrega gratis do objecto subscripto, sendo premiado nas 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª 10ª e 15ª prestações.

Todas as pessoas da Capital ou dos Estados que desejem adquirir inteiramente de graça os seus retratos em busto tamanho natural, ricamente emoldurados, ou ainda: Um legitimo relógio **Chronometro Vulcain** de ouro de lei; um valioso cordão de ouro de lei do Porto; um mavioso gramophone legitimo Victor II, III, IV, V; chic relógio cravejado de diamantes e chatelaine de ouro de lei para senhora; artistica corrente de ouro de lei do Porto, assim como muitos outros artigos, e tudo isto sem gastar um só real, nada mais tem a fazer do que inscrever-se socio dos Clubs desta Galeria.

REMETTEM-SE GRATIS SOB PEDIDO CATALOGOS ILLUSTRADOS EXPLICATIVOS E PROPOSTAS PARA OS CLUBS

Correspondencia e mais informações

A' GALERIA ARTISTICA PORTUGUEZA

105 Avenida Rio Branco 105

RIO DE JANEIRO

TEINTURES BROU



esta tintura é superior a todas, porque não suja as mãos nem o
couro cabelludo.—E' inoffensiva

✦ Vende-se em todo o Brasil e na PERFUMARIA GASPAR ✦
18, Praça Tiradentes, 18—Telephone 1.112